BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Nº85 19 de Novembro de 2002 **Quinzenal** **Director:** Emanuel Graça www.aac.uc.pt/cabra **e-mail -** cabra@aac.uc.pt
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

DOM Dinis

UNIVERSIDADE

Seabra Santos avança para a reitoria

O actual vice-reitor, em declarações ao jornal A CABRA, assume-se como candidato a reitor.

PÁGINA 8

Contestação:
Manifestação gera polémica

Contestação contestada

Após estar marcada para o dia 13, a manifestação para Lisboa foi cancelada pela DG/AAC, alegadamente por não reunir consenso. Nesta edição, A CABRA faz o ponto de situação, da contestação estudantil aos cortes orçamentais.



PÁGINAS 5 E 6

GUILHERME OLIVEIRA



PÁGINAS CENTRAIS

Eleições: quatro candidatos disputam cadeira do poder

Campanha começa hoje

A "guerra" pela presidência da DG/AAC começa oficialmente hoje. Em causa estão quatro projectos.

DESTAQUE

PÁGINAS 2 E 3

Em entrevista, Fernando Rebelo revela-se desiludido com os estudantes. O ex-reitor afirma que existiu uma contestação directamente dirigida à sua pessoa.

INTERNACIONAL

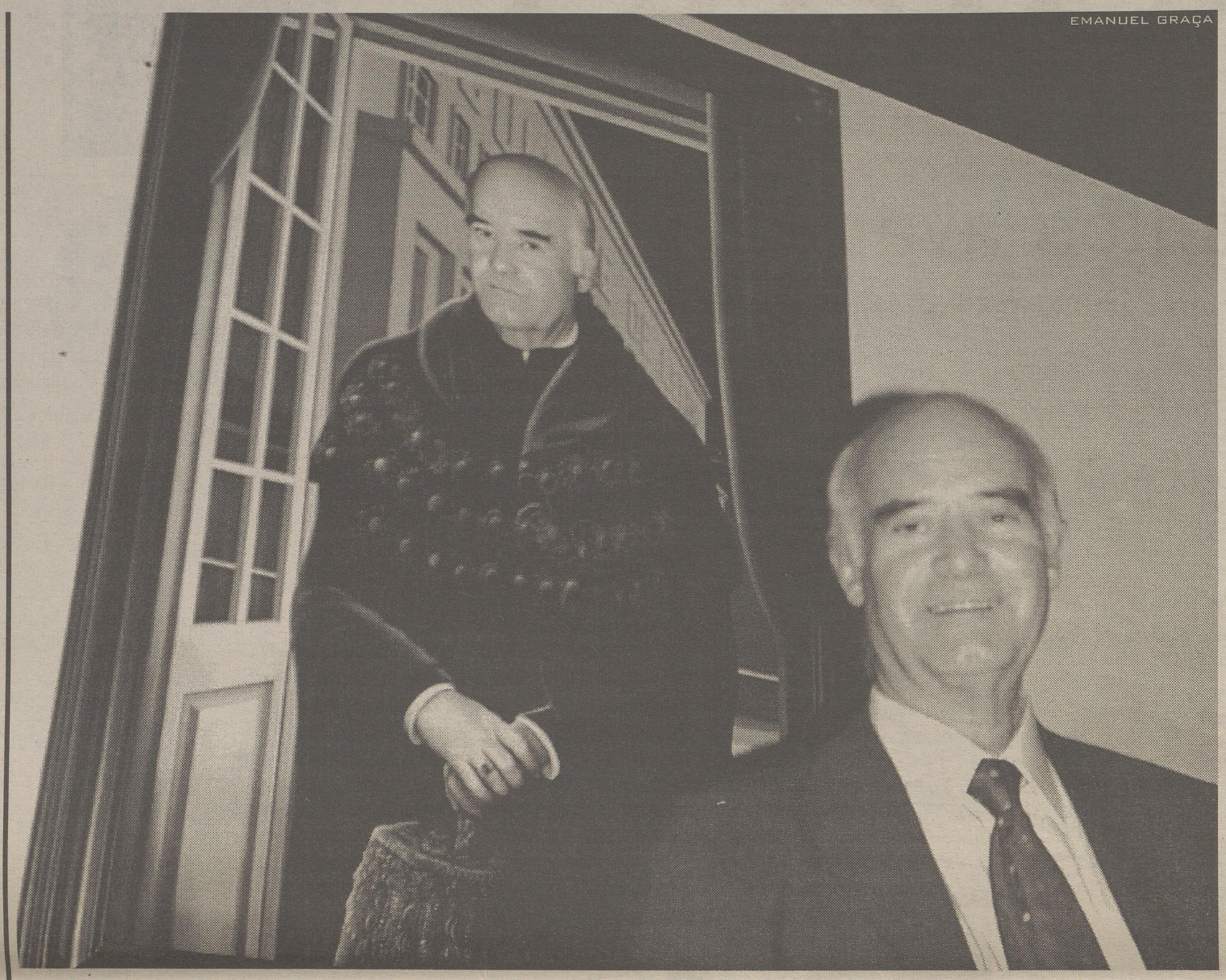
PÁGINA 11

Resultados eleitorais na Turquia colocam islamitas moderados no poder. Novo executivo já manifestou posição pró-europeia, apesar das reticências de Bruxelas.

DESTAQUE

Fernando Rebelo analisa o processo que culminou na sua renúncia

"Eu não ia conseguir levar este reitorado



EMANUEL GRAÇA

"Sei a força que os estudantes têm"

No dia da sua saída, Fernando Rebelo afirma-se injustiçado pelo movimento estudantil e aponta o dedo à DG/AAC. Para o ex-reitor, houve claramente uma contestação dirigida à sua pessoa.

EMANUEL GRAÇA
JOÃO PEREIRA

No dia em que foi substituído pelo professor decano da universidade, Arsélio Pato de Carvalho, o ex-reitor da Universidade de Coimbra (UC), demonstra a sua tristeza pela forma como decorreu todo o processo que culminou na sua renúncia. Fernando Rebelo critica ainda a actual lei de financiamento do ensino superior e avança com um modelo de contratualização. No entanto, considera que o futuro da UC não está em risco.

Depois de cerca de quatro anos e meio à frente dos destinos da UC, acaba por abandonar o cargo. Que balanço faz desse período?

O balanço do meu primeiro mandato é altamente positivo, fiz muito mais do que aquilo que imaginava, mas nisso, claro, o mérito não é só meu. O meu mérito foi mais o de um pivot que tinha uma boa equipa e que conseguiu tê-la a trabalhar da melhor maneira. O reitor da universidade não é o que muitas pessoas pensam: não é um senhor absoluto como alguns aqui em Coimbra ainda julgam. Já foi até ao 25 de Abril, mas nunca mais desde 1974.

A renúncia

No entanto, sai da reitoria num processo que, na história da UC, acaba quase por ser ímpar. Que sentimentos levaram ao despoletar desta crise na universidade?

Não existe crise absolutamente nenhuma. Há um cálice que está cheio e que, em dado momento, recebe mais uma gota que o faz transbordar. Foi isso que fez com que pedisse a demissão. Já andava a sofrer pressões muito fortes há bastante tempo. A crise do encerramento da universidade a cadeados, no ano passado, foi, para mim, uma luta extremamente díficil de travar que me desgastou imenso, devido às críticas fortíssimas que recebi dos professores. Se alguma vez estive do lado dos estudantes, foi dessa vez. Outro momento em que eu me senti fortemente pressionado foi nas eleições para o segundo mandato. Como sabem, não tive um bom resultado: houve movimentações subterrâneas bastante grandes que me fizeram dizer várias vezes que estava a lutar contra fantasmas. Por estranho que possa parecer, estive quase a renunciar naquele momento. Não renunciei por um voto. Tinha exigido os 130 votos que tinha obtido na segunda volta do primeiro mandato e jurei que bastava ter menos um para renunciar. Portanto, no dia 20 de Maio, obtive o mínimo que exigia para continuar como reitor. Agora, quando sou confrontado com uma posição que me é transmitida através dos jornais, da rádio, mas nunca pessoalmente, nem por carta, de que ou eu estava do lado dos estudantes, ou pediam a minha demissão, é evidente que não podia ceder a uma pressão dessas. Para mim, isso era uma chantagem. Nenhum reitor pode ceder a situações destas. Iríamos ter uma luta entre o reitor e os estudantes. Quando se passa de uma posição de um pequeno grupo para uma posição de Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), que representa 22.000 alunos, isso era colocar o reitor contra 22.000 alunos. Em Coimbra, isso não é possível. Já fui aluno da UC e sei a força que os estudantes têm e sei que o presidente da AAC é a voz de todos.

Mas o próprio presidente da DG/AAC acabou por afirmar que o que se havia decidido em Assembleia Magna nunca tinha sido um pedido de demissão do reitor mas um pedido de esclarecimento de posições...

Isso é uma novidade. Porque aquilo que me chegou não era nada disso. Era muito mais que isso. Não me chegou nenhum papel, não veio ninguém, nenhuma delegação falar comigo. O que eu soube foi pela comunicação social, daí que tenha sido pela comunicação social que reagi. Mas não sem ter, naturalmente, pedido a exoneração do cargo ao ministro, a entidade que me nomeou, que pôs o meu nome no Diário da República e que assinou o despacho. E logo a seguir respondi e reagi exactamente pelos mesmos meios por onde o senhor presidente da associação académica disse o que disse. Porque o disse. Há gravações, textos escritos, jornais, há uma colecção completa de documentos na reitoria e em minha casa também.

Como considera a atitude que foi tomada nessa Assembleia Magna em relação à sua posição como reitor?

Não quis aprofundar nada do que lá foi dito, porque me chegaram aos ouvidos coisas extremamente bárbaras. O reitor não pode ficar refém de nenhum corpo da universidade. Num momento díficil como este, em que estamos a viver dificuldades tremendas do ponto de vista orçamental, temos de estar todos do mesmo lado. Nós tinhamos mostrado, no senado, que estávamos unidos na moção aprovada no dia 9 de Outubro, por unanimidade.

Foi nesse sentido que afirmou que poderia reconsiderar o seu pedido de demissão se houvesse por parte dos estudantes um pedido de desculpas?

Eu queria aclarar esse ponto. Isso não estava na minha mente quando anunciei a minha demissão. Foi já depois já da minha declaração que uma jornalista me perguntou se a minha posição era definitiva e eu respondi que não, que definitiva, só a morte. E ela então perguntou-me se eu aceitaria um pedido de desculpas dos estudantes. Apenas disse que iria pensar nisso. O que eu disse exactamente não foi o que andou a ser propalado pelos jornais.

Mas, e depois dessas declarações, como comenta a carta aberta que lhe foi dirigida na Assembleia Magna que se seguiu?

A carta aberta não tinha resposta. Mandei arquivar porque não tinha resposta. Todas as respostas às questões que me foram postas na Assembleia Magna e que soube, repito, pelos jornais, rádio, televisão, e que depois vim a ver na carta aberta, estavam na moção aprovada por unanimidade no senado.

Críticas ao reitor

O seu pedido de demissão foi bastante criticado na imprensa nacional e local por não ter sido feito na melhor altura. Como responde a essas críticas?

Eu acho que é exactamente o contrário. Todas as pessoas que me criticaram nos jornais são pessoas que me criticaram desde sempre. Portanto, não houve novidade nenhuma. Acontece que eu acho que saio no melhor momento. Eu não ia conseguir levar este reitorado até ao fim. Este mandato, tenho a certeza absoluta, que não o levaria até ao fim.

Portanto, uma demissão que é o resultado de um conjunto de situações em que a moção apresentada na Assembleia Magna foi apenas a gota de água?

Não tenha dúvidas.

Reconhece então que algumas das

até ao fim”

acções integradas na contestação estudantil aos orçamentos de estado tiveram também por objectivo atacar o reitor?

Isso para mim é inequívoco. Gostaria que não tivesse sido assim. Que as coisas tivessem sido suficientemente separadas.

Mas porque motivos é que essa contestação foi direccionada contra a sua pessoa?

Tem que perguntar a quem a fez.

À DG/AAC, nomeadamente?

Quem fez isso é que tem de responder, não sou eu. Porque, na realidade, depois daquela moção do senado, onde estava explicada em seis páginas toda a situação da universidade, depois da minha explicação, levada ao extremo na abertura solene das aulas em que eu expliquei de quanto dinheiro precisávamos e para quê, aquela decisão, com o peso que teve dos 22.000 estudantes desta casa, foi uma surpresa enorme.

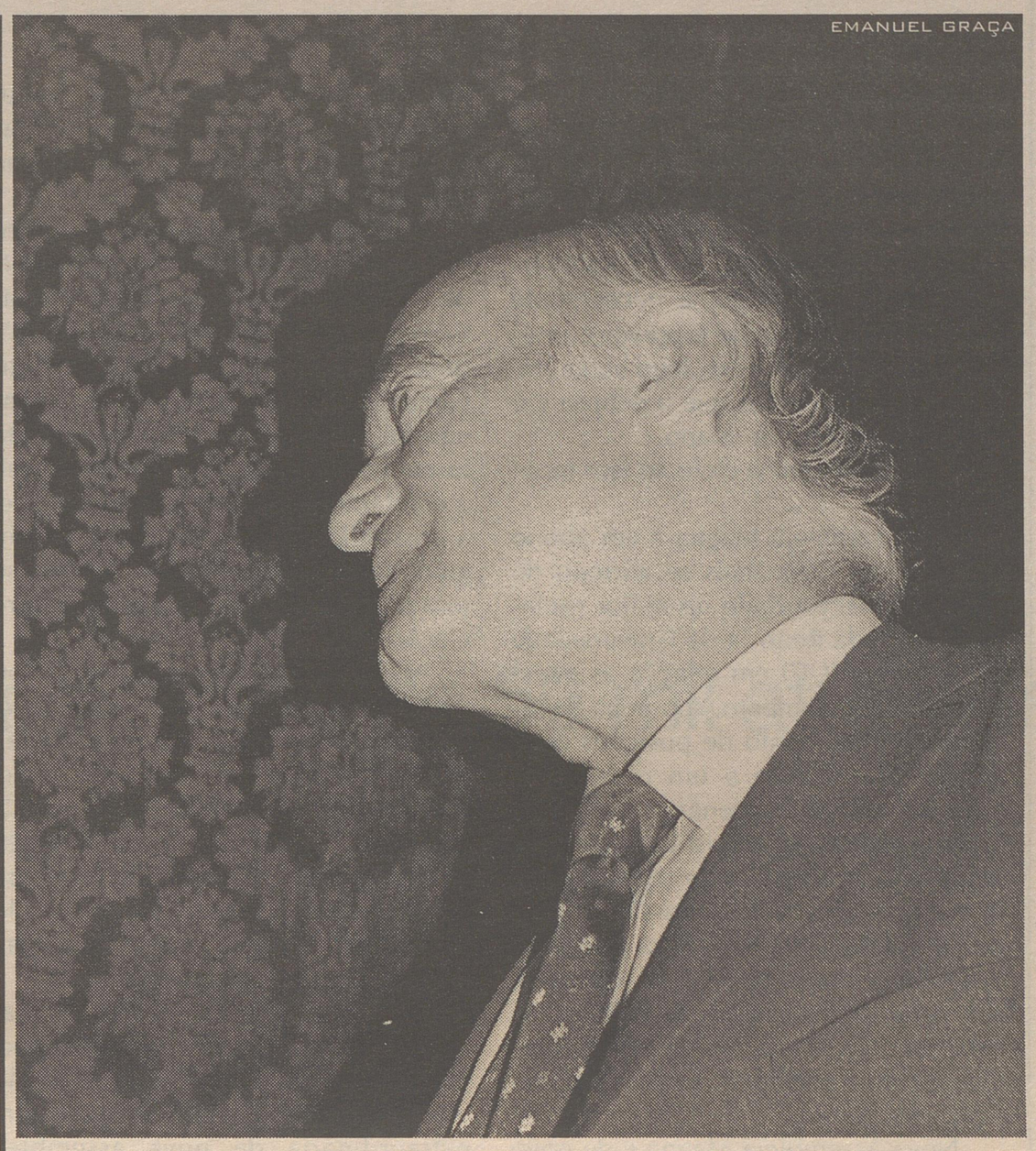
Estudantes em análise

Neste momento, parece haver alguma discórdia em torno das contestações estudantis, tanto a nível nacional como a nível da academia de Coimbra. Como comenta estas alegadas discórdias?

Talvez a situação ainda não esteja suficientemente madura no seio dos estudantes para se chegar a grandes manifestações. É isso que me parece, mas eu também não sou estudante agora e portanto não estou no seu meio. Agora, há uma coisa que é certa: quando eu vi, e vi várias vezes, greves com pleno êxito nesta universidade, elas foram suficientemente preparadas. E nunca, a não ser antes do 25 de Abril de 1974, as greves foram contra reitores. As pessoas souberam sempre destinguir o que era o movimento estudantil, o que era a luta dos estudantes, daquilo que era o interesse que os estudantes têm em ter alguma ligação com o reitor da casa, com os professores da casa e com os funcionários da casa.

Considera que não houve essa distinção?

Não, não houve. Não houve porque foi um corte muito brusco, foi um autêntico fosso que se cavou entre um senado em que se conseguiu a unanimidade que permitiu um ganho imediato no dia seguinte, que permitiu que no dia seguinte o senhor ministro telefonasse ao gabinete do PRODEP e que nos garantisse, imediatamente, as verbas do PRODEP que nós precisavamos para cobrir o PIDDAC que faltava e podermos fazer as obras do Pólo III dentro da programação exigida por nós. Repare que, com aquele êxito da moção, não fazia sentido dizer que o reitor estava contra os estudantes. Isso foi uma facada que me atravessou o coração de ponta a ponta. Porque, na realidade, dizer que este reitor, que agora já não o é, este professor da casa que foi reitor durante quatro anos e quatro meses, não estava com os estudantes foi uma facada muito grande. Gostava que me dessem o nome de um aluno que eu tenha posto fora da casa por não pagar as propinas. Houve colegas meus de outras universidades que puseram na rua muitos, muitos estudantes.



EMANUEL GRAÇA

“Há dificuldades graves para o próximo ano”

O futuro

Em relação ao futuro, considera que existe estabilidade suficiente para que se avance sem precalços?

Acho que sim. A universidade tem cerca de 200 pessoas capazes de serem reitores. Acho que há umas dezenas de colegas meus que têm possibilidade de fazer um trabalho tão bom ou melhor que o meu. Posso dizer, como professor universitário que continuo a ser, que estou com grande expectativa em termos de quem vai aparecer como candidato, quem vai ganhar as eleições, ao mesmo tempo que estou com muita esperança de ter um bom reitor.

Como prevê este processo eleitoral?

Não prevejo nada. É um assunto tabu. Não vou apoiar candidato nenhum.

E em relação ao futuro da universidade?

Vai ser aquele que toda a gente espera. Vai ser um ano díficil em que quem estiver com a pasta do orçamento, seja ele o próprio reitor ou seja algum vice–reitor, vai ter muitas dores de cabeça para conseguir as metas que lhe são propostas. Mas tenho uma grande esperança na UC. Tem potencialidades que muitas outras não têm.

Verbas para a universidade

Segundo Fernando Rebelo, a actual lei de financiamento não é a mais adequada. Para o ex–reitor, é necessário uma plataforma de atribuição de verbas mais personalizada.

Concorda com os actuais moldes da lei de financiamento?

Talvez seja uma das poucas pessoas que prefere que exista uma contratualização. Era bom que existisse uma contratualização que se discutisse, caso a caso, com o ministério, a partir de uma base (que poderia ser uma fórmula). Nós, aqui em Coimbra, tivemos um contrato programa para os chamados “estabelecimentos anexos” que resultou, não em pleno, mas bastante bem, apesar de tudo. Estou convencido que isso poderia ser uma solução a nível geral.

Neste momento, quais são as áreas da UC com mais falta de verbas?

Devia haver mais dinheiro para nós resolvermos os problemas das faculdades que estão com mais dificuldades em termos físicos. Muita gente olha para estas faculdades que estão aqui ao nosso lado, que foram construídas nos anos 50 e 60, e julga que são edifícios novos. Eles estão velhíssimos, estão podres, estão a necessitar de obras urgentíssimas que vão custar milhares e milhares de contos.

Docentes “preocupados”

Em comunicado, alguns catedráticos da Universidade de Coimbra (UC) demonstram–se críticos com o pedido de demissão de Fernando Rebelo. Para os subscritores, é preocupante a força que os estudantes actualmente possuem nos órgãos de gestão.

Numa tentativa de não só “reagir ao inesperado pedido de demissão do reitor, mas também de estimular a universidade”, um conjunto de nove ilustres docentes catedráticos da UC decidiu tomar uma posição pública, no passado dia 4 de Novembro, (anterior à apresentação da renúncia do cargo de Fernando Rebelo, que teve lugar no dia 7). António Dias Figueiredo, Arsélio Pato de Carvalho e Teresa Mendes, da faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, Carlos Reis, da faculdade de Letras, José Manuel Pureza, José Reis e Maria Manuel Marques, da faculdade da Economia, e Vital Moreira e Gomes Canotilho, docentes da faculdade de Direito, são os signatários deste documento, em que se afirmam “legitimamente preocupados com os efeitos negativos” da actual situação na UC.

Segundo estes catedráticos, não podem os professores “ignorar que o pedido de demissão do reitor foi exclusivamente determinado, como o *próprio de forma expressa declarou*, por críticas dos estudantes, deliberadas em Assembleia Magna”. Esta moção demonstra assim uma posição crítica deste grupo de docentes perante o peso que os estudantes actualmente gozam no seio da universidade. Para os signatários do documento, é importante alertar “a comunidade universitária e particularmente os que nela ensinam e investigam para a urgente necessidade de se inverter um trajecto de crise”, repensando para tal os instrumentos legais e estatutários, numa alusão indirecta a uma restrição ao poder do corpo discente nos diversos órgãos de gestão da universidade.

Este grupo de catedráticos afirma–se ainda incomodado com uma “relação de especial responsabilidade e confiança do reitor perante os estudantes”, o que se traduz numa “desvalorização” das instâncias universitárias e da posição do corpo docente, “que a todo o tempo deve também contar com a solidária atenção do seu reitor”. No entanto, defendem que a subscrição deste documento não pretende “substituir–se a órgãos com capacidade formal para extraírem as consequências decorrentes do insólito pedido de demissão”.

Por fim, reconhecem ainda que a “incomodidade” deste assunto acabou por obscurecer “a questão essencial do financiamento da universidade no próximo ano”, tornando–se necessário trabalhar para “que se mude o que deve ser mudado”. Porque “silenciar a incomodidade que neste momento atravessa a UC seria contemporizar com uma situação cuja gravidade parece evidente”.

OPINIÃO

EDITORIAL
GUILHERME OLIVEIRA

"Académica, académica!"

Começa hoje a campanha eleitoral para os orgãos gerentes da Associação Académica de Coimbra, período conturbado na academia, em que pouca coisa deixa de valer, numa espiral de acontecimentos e emoções a que poucos ficam indiferentes.

Estatutariamente a campanha começa hoje, mas a pré–campanha já começou há muito. A A CABRA marcou o seu início, noticiando na edição de 8 de Outubro, três das listas concorrentes a este próximo acto eleitoral. Muita coisa aconteceu desde então: mais duas listas (uma somente para o Conselho Fiscal) entraram na corrida à última da hora, muitos contactos foram feitos, já muitas são as previsões dos resultados em cada curso, as posições de cada núcleo nos próximos dias 27 e 28 foram analisadas ao pormenor. Por outro lado, faixas e comunicados começaram a enfeitar o dia a dia de todos nós. Ano, após anos os ânimos aquecem por esta altura, nada de extraordinário, portanto... O que talvez poucos adivinhassem é que o debate eleitoral começasse tão cedo e que tivesse por palco as assembleias magnas, onde o contar de espingardas por parte das listas se fez pelos décibes emitidos pelas gargantas dos seu apoiantes.

Magna após magna, com um plenário pelo meio, a confusão instalou–se. As últimas assembleias confundem–se com as eleições e ganha quem berrar mais alto "académica, académica!". Tranformaram–se em palanques políticos, onde só faltam bandeiras em punho para que se transformem num verdadeiro comício. Basta um olhar de relance para ver aqueles que teimaram em ir a Lisboa de um lado e os outros que apenas encetaram esforços de outro. Entre encontrões, digestões de jantares de campanha, muitos comunicados, cartas abertas e requerimentos para vertiginosas ultrapassagens a pontos de ordem de trabalho, as eleições transfiguraram–se em Assembleia Magna e a Assembleia Magna em barómetro eleitoral. Uma coisa devem ter aprendido as pessoas que foram pela primeira vez a uma assembleia: quem gritar mais alto "Académica, académica!" tem mais razão do que todos os outros. Aprendeu também que quem insulta da plateia vai até ao púlpito pedir respeito pelos colegas que discursam e que até as filiações partidárias são mais relevantes nesta altura, pois tem muito mais valor a pessoa que não a tem.

> "E ganha quem berrar mais alto "académica, académica!"

De magna em magna até à magna final, a clubite académica agrava–se. No final a única verdade que fica é a dos votos. Mas, também no final, esquece–se quem realmente sofre com toda esta situação, a AAC, apesar de agora todos dizerem que a amam. "Académica, académica", berro de pulmões bem abertos, quando, atentando no que se passou nas assembleias, deixa–se em aberto a hipótese a uma segunda volta.

Erros nunca justificaram erros...

HUMBERTO MARTINS *

Numa coisa esta academia continua igual a si mesma... Pródiga em acontecimentos! Podem ser positivos ou negativos, mas são, sem dúvida, marcantes! Parece até que, em função de um acontecimento, cuja controvérsia possa sugerir alguma necessidade de no futuro acautelar e prever consequências menos felizes, logo surge um outro acontecimento que o eclipsa e o relega para segundo plano.

Vejamos como o ciclo se tem repetido...

Na Assembleia Magna e em abono da verdade, nada mais se afirmou do que uma necessidade de maior esclarecimento da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC) em relação às questões de financiamento, sob pena de algum endurecimento de posições estudantis. Em relação a um rodapé em que foi referido o cenário longínquo de um pedido de demissão do Magnífico Reitor, eis que surge o inesperado e efectivo pedido de demissão da máxima entidade da UC. Será que uma leve falha estratégica, e de discurso, em relação à posição da Reitoria da UC, justifica a situação gravosa de despoletar uma demissão reitoral? Parece–me que não...

Nova Assembleia Magna e de novo o continuar desta espiral, na qual o mote de avançar com uma manifestação em Lisboa como forma de repúdio pelos novos cortes orçamentais no ensino superior acaba por ser a base de um novo episódio da novela intra e extra academia. De facto, em função da deliberação da Assembleia Magna, presumia–se a necessidade de ter uma posição forte nesta manifestação e nesse sentido ser encontrada uma plataforma nacional que desse visibilidade à dimensão, também nacional, do problema. Da ambiguidade entre uma moção aprovada que apenas propunha conjugar esforços para a iniciativa nacional e o discurso desde logo mobilizador para a sua realização no passado dia 13 de Novembro, resultou mais um foco de polémica. Será que apesar da moção de intenções aprovada e a forma como foi apresentada remeteriam tão só para a expectativa de realização de uma confluência de âmbito nacional, sem a qual não existiria participação da academia coimbrã em Lisboa? Parece–me que não...

No entanto, pela leitura da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC), seria inviável a participação na referida manifestação uma vez que, em sede do Encontro Nacional de Direcções Associativas, não foi conseguida a necessária plataforma convergente. O coro do protesto a nível interno não se fez esperar dada a possibilidade de, em torno da ambiguidade existente, outras leituras serem passíveis de igual e meritória apreciação.

Apesar de maiores ou menores contradições acerca da interpretação de decisões emanadas da Assembleia Magna por parte da Direcção–Geral da AAC, estaria justificada esta exposição mediática e publicitação de divergências no seio da academia de forma pública ao invés de reservadas para o local próprio de uma Assembleia Magna? Também me parece que não...

Mais uma Assembleia Magna, mais uma volta do ciclo. Procurando antecipar a polémica discussão, a Direcção–Geral da AAC pede a convocatória extraordinária de nova assembleia num dia e local, o Teatro Paulo Quintela, que foi manifestamente insuficiente para permitir a realização da mesma. Face à impossibilidade de realização da referida assembleia estão justificados os lamentáveis acontecimentos ocorridos nesses dia? Continua a parecer–me que não...

Na Assembleia Magna seguinte, o triste ciclo dá mais uma volta quando, não fosse a aprovação de algumas propostas de continuação dos protestos da academia, tudo se saldaria num conjunto de ataques e contra–ataques, defesas sem honra e esclarecimentos vãos, sem qualquer conteúdo ou intenção que servisse os propósitos para que foi convocada. Existe alguma justificação para a animosidade verificada que justifique o comportamento dos intervenientes na última Assembleia Magna? Mais uma vez não...

De que se trata afinal? Qual o motivo de tanta agitação? Porquê tanto nervoso miudinho? Serão: Cortes orçamentais? Problemas dos estudantes? Propostas e visões diametralmente opostas? Incapacidade de consensos? Não... Tudo parece resumir–se a uma palavra: eleições!

É legítimo e justo que, num período eleitoral da maior e mais antiga associação académica do país, o empenho e o combate que se avizinham motive o elevar dos ânimos e até o exagerar de reacções, mas será justificável que o meio se transforme num fim? Até porque, à parte dos fait–divers que vêm preenchendo e ocupando os comentário de e sobre a academia, os problemas que realmente importam têm tido uma resposta à altura pela academia? Infelizmente também não!

Fica a pergunta final: No meio de tudo isto onde estão defendidos os interesses daqueles que, uns e outros, dizem querer vir a representar?!

A história centenária da AAC exige a todos os intervenientes que ponderem as suas atitudes e intervenções, sob pena de, ao invés do que se apregoa, se afastarem irremediavelmente os representados dos seus representantes... Errar é sempre e muito humano, não tirar consequências do erro é que deixa de o ser...

* Ex-presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra

A CABRA errou

Na edição 84 do Jornal Universitário de Coimbra, o artigo "Cortes agitam superior" (página 2) apresenta dados errados. Os dados apresentados como sendo em euros são em milhares de euros. Os valores corrigidos são os seguintes:
Total de Propinas da UC:
Letras: 1415.6 milhares de euros
Direito: 1002.6 milhares de euros
Medicina: 459.5 milhares de euros
FCTUC: 2307.6 milhares de euros
Farmácia: 310.8 milhares de euros
Economia: 732.2 milhares de euros
FPCE: 412.7 milhares de euros
FCDEF: 134.0 milhares de euros
Total: 6.775 milhões de euros



Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº 183245/02 **Registo ICS** nº 116759
Ficha Técnica: Director: Emanuel Graça **Director Gráfico:** Rafael Bidarra Rodrigues **Chefe de Redacção:** João Pereira **Editor de Fotografia:** Jorge Nande **Editor de Universidade e Academia:** Guilherme Oliveira **Editor de Cidade, Nacional e Internacional:** Mário Guerreiro **Editor de Desporto:** João Cortesão **Editor de Cultura:** João Vasco **Secretária de Redacção:** Liliana Guimarães **Redacção:** Adriana Silva Afonso, Aida Lima, Anselmo Câmara, Cecília Santos, Daniela Pereira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Joana Fialho, João Pedro Marques, Jonas Batista, José Manuel Camacho, Kossaqui, Luísa Bourbon, Manuel Eduardo, Marco Carvalho, Maria João Lopes, Marilyne Alves, Nuno Curado, Nuno Dias, Patrícia Batista, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Ramos, Rui Caniço, Rui Justiniano, Sara Martins, Sérgio Alves, Sónia Nunes, Sílvia Matos, Tiago Azevedo, Tiago Carvalho, Vânia Correia, Vítor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores:** Ana Claúdia Cardoso, Ana Oliveira, António Gil Leitão, Carla Pinto, Carina Valério, Cristina Bastos, Cristina Lopes, Daniela Rodrigues, Diana Mota, Diana Ramos, Isabel Oliveira, Leila Campos, Lurdes Lagarto, Margarida Matos, Marília Frias, Marta Varandas, Patrícia Abreu, Patrícia Vic, Pedro Santos, Rita Delille, Rita Loureiro, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sílvia Madeira, Sofia Carvalho, Sofia Marques, Soraia Letra, Susana Baptista, Susana Sampaio Dias, Vitor Aires **Fotografia:** Francisca Moreira, Maryline Alves, Pedro Sá e Sousa, Sofia Cruz **Publicidade:** Pedro Correia, 965821301/239821554 **Impressão:** Coraze S.A. **Tiragem:** 4000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

PUB

durante a latada mais de 50 mil atravessaram o rio.

e tu?

aberto de 4ª a sábado

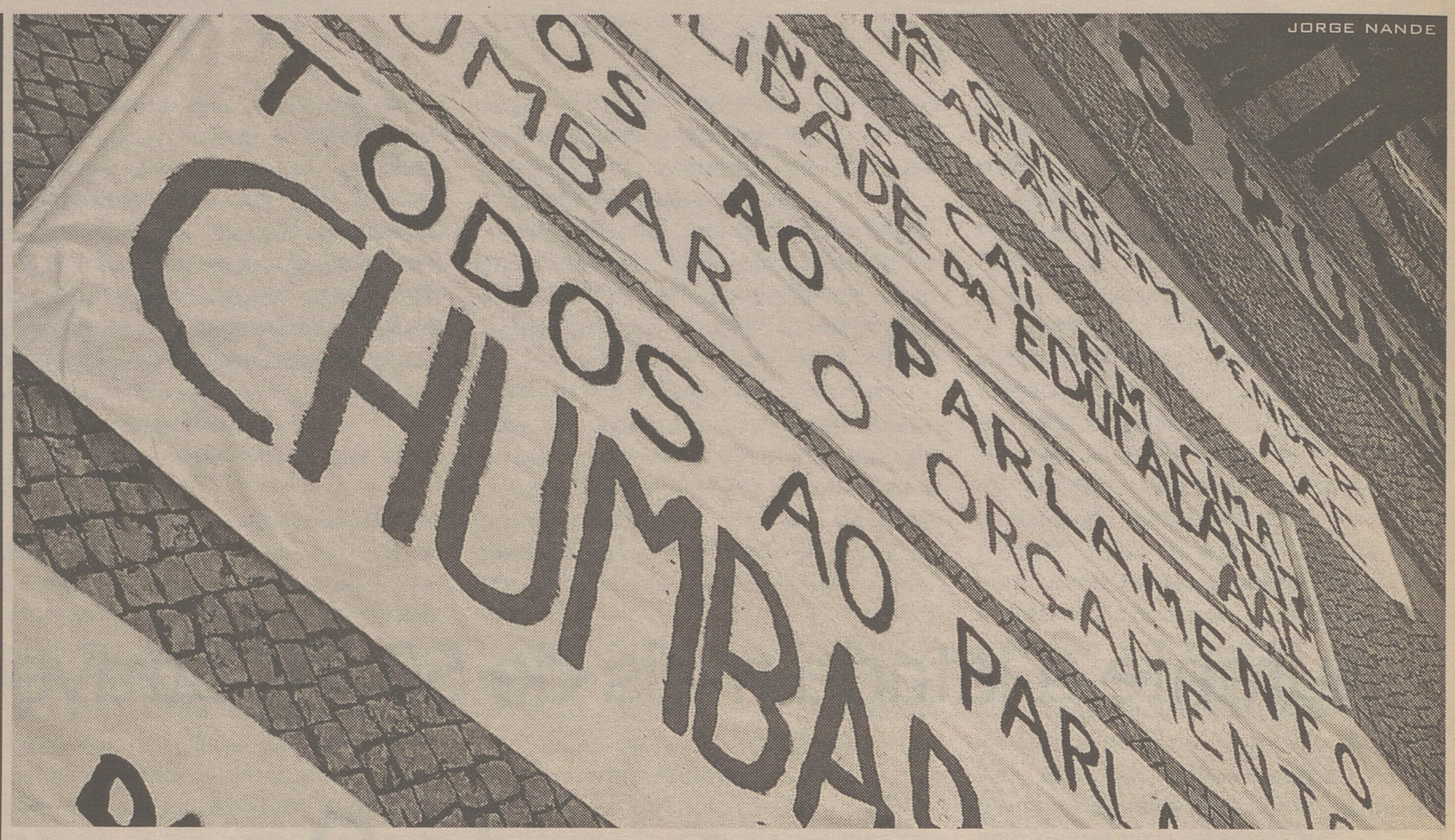
scotch
coimbra

Luta contra os cortes orçamentais

A contestação coimbrã

Depois de um processo de consciencialização sobre as consequências que poderão advir dos cortes orçamentais preconizados por este governo para a Universidade de Coimbra (UC) e após a venda em hasta pública da própria UC, eis que a academia de Coimbra decidiu encetar formas de luta.

TIAGO CARVALHO
DANIELA PEREIRA
PEDRO SANTOS



Os cortes no orçamento foram o mote para mais uma manifestação

Os estudantes saíram à rua no passado dia 5 para manifestarem o seu descontentamento em relação aos cortes orçamentais, levados a cabo pelo ministro Pedro Lynce. A Associação Académica de Coimbra (AAC) mobilizou cerca de um milhar de estudantes, que de capa e batina ou simplesmente com a t–shirt distribuída pela Direcção Geral da AAC (DG/AAC), onde se podia ver uma imagem truncada do filme "O senhor dos cortes", "realizado" pelo governo, desfilaram pelas principais artérias da cidade gritando palavras de ordem. "Bolsas sim, cortes não", "Este governo não tem educação" ou ainda "Acção social não existe em Portugal" eram alguns dos cânticos proferidos pelos manifestantes. A manifestação só terminou no Estádio Universitário. Um final "simbólico", segundo Victor Hugo Salgado, já que "apesar da faculdade de Desporto estar formalmente constituída, não possui as devidas infra–estruturas e é obrigada a dispersar os seus serviços por vários pólos".

Depois de à tarde se terem manifestado pelas ruas de Coimbra, os estudantes reuniram–se em Assembleia Magna (AM). O espaço do Auditório da Reitoria foi insuficiente para as cerca de seis centenas de estudantes que aí se deslocaram. As principais deliberações foram uma carta aberta ao reitor da Universidade de Coimbra, manifestando compreensão pelo seu pedido de demissão; e o encetar de esforços de forma a conseguir, no Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA) extraordinário, uma manifestação nacional em Lisboa, no dia 13 de Novembro. Decidiu-se ainda o encerramento da UC e das cantinas sociais no dia 14 e, finalmente, a realização de uma AM nesse mesmo dia.

Alguns dias depois, foi convocada extraordinariamente pela DG/AAC uma AM para a noite de 13 de Novembro, que acabou por não se realizar uma vez que não estavam reunidas todas as condições para que os cerca de 500 estudantes presentes no Teatro Paulo Quintela pudessem discutir os problemas. No entanto, esta serviu como ponto de encontro dos estudantes para simbolicamente encerrarem a Porta Férrea. Na manhã seguinte seria a vez das faculdades da UC serem fechadas em sinal de protesto contra os cortes orçamentais. As cantinas tiveram o mesmo destino, num protesto contra o aumento dos preços dos vários serviços prestados pelos Serviços Sociais. Em jeito de reforço desta acção, e conforme deliberação da AM de 5 de Novembro, a DG/AAC distribuiu uma "sopa dos pobres" no Largo D. Dinis no mesmo dia.

Todos às aulas

Hoje é dia de greve de zelo na UC, segundo deliberação da AM. Os estudantes não pretendem somente mostrar que as actuais infra–estruturas da UC são insuficientes e inadequadas, mas também fazê–lo de uma forma pedagógica: "Mais importante do que dizer greve de zelo, é dizer vamos todos às aulas", explica Victor Hugo Salgado, presidente da DG/AAC.

Para Victor Hugo, a greve "tem como objectivo zelar pela participação activa dos estudantes em todas as aulas". O actual presidente da DG/AAC considera assim que esta é "uma proposta fundamental" pois pode demonstrar a incapacidade das infra–estruturas da Universidade de Coimbra. Segundo refere, os resultados mais visíveis deverão acontecer nas faculdades de Letras e de Direito.

Para o presidente do Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras da UC, Bruno Julião, "a greve de zelo terá um impacto maior em algumas zonas, nomeadamente no Colégio de S. Jerónimo, que tem graves lacunas estruturais."

Já na opinião do presidente do Núcleo de Estudantes de Direito da AAC, Fernando Gonçalves, "as greves de zelo servem para demonstrar que, em faculdades como a de Direito, a capacidade foi largamente ultrapassada". Exemplificando, explica que "se os cerca de 1300 alunos inscritos em Economia Política fossem às aulas, mesmo que estas fossem no anfiteatro que tem capacidade para 400 pessoas, é óbvio que a maior parte dos alunos não conseguia entrar".

Movimento associativo nacional não chega a consenso

Academias em divergência

O destaque do ENDA extraordinário realizado em Lisboa no passado dia 6 foi a apresentação de uma proposta para a realização de uma manifestação nacional em Lisboa, embora esta não tenha sido sequer colocada a votação.

A reunião foi no mínimo conturbada. Durante cerca de oito horas foram discutidas as mais variadas questões, desde os estatutos do próprio ENDA ao método de voto. Assim, foi díficil discutir o único ponto da ordem de trabalhos que consistia na "articulação de iniciativas de contestação".

"No dia 13 de Novembro vamos manifestar–nos em frente à Assembleia [da República]. Sozinhos ou acompanhados, nós vamos lá estar" afirmou Inês Fernandes, da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a proponente da iniciativa que preconizava a realização da manifestação, lançando a polémica.

Associação Académica de Lisboa (AAL) e Federação Académica do Porto partilham da mesma opinião no que concerne à necessidade de uma maior consciencialização dos estudantes, para que estes se mobilizem, achando ainda que se deve investir em acções mediáticas, para que possam "estar criadas as condições para haver uma contestação de massa, ou seja, uma manifestação"

Segundo Rodrigo Saraiva, presidente da AAL, durante a discussão, uma das intervenções mais críticas coube a Victor Hugo Salgado que não concordava com o facto de "a proposta não estar a ser concretizada e levada à votação". Contudo, os argumentos apresentados pelos dirigentes apoiantes desta proposta não terão sido suficientes para se gerar um consenso, pelo que a proposta ficou apenas aberta à subscrição das associações. Para Nuno Mendes, presidente da FAP, este não era o "timing certo" para uma manifestação e ainda que é necessário passar por um processo de consciencialização dos estudantes e da opinião pública para que se possa falar em "movimentações de massas".

Para João Gustavo, presidente da Associação Académica de Aveiro, esta manifestação, apesar dos riscos corridos ao ter sido agendada com apenas sete dias de antecedência e com o número de associações que estariam dispostas a participar, "foi um contributo melhor do que não ter estado lá ninguém na véspera da votação do Orçamento de Estado". Considera ainda que dois dos grandes factores que contribuiram para a reduzida presença de estudantes na manifestação foram a divulgação na comunicação social das posições de não adesão das maiores academias, nomeadamente do recuo tardio da AAC, e o mau tempo que se fez sentir um pouco por todo o país.

A única proposta aprovada no ENDA foi assim uma campanha de recolha de postais nas várias instituições de ensino superior, a serem posteriormente entregues no Parlamento, de forma a alertar para os graves problemas existentes.

Decisão de Magna não foi soberana

Divisão ensombrou protesto

No rescaldo do turbulento processo que culminou na decisão da DG/AAC de não participar na manifestação nacional na capital, A CABRA traça o filme desta "curta–metragem", de Coimbra a Lisboa.

TIAGO CARVALHO
DANIELA PEREIRA
PEDRO SANTOS

Se a luta contra os cortes orçamentais objectivava unir os estudantes de Coimbra, nas últimas semanas algumas decisões quanto às formas de contestação parecem ter provocado divisões no seio da Associação Académica de Coimbra (AAC). Apesar da decisão, em Assembleia Magna (AM), que deliberava que se deviam "encetar esforços" de forma a conseguir, no Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA) extraordinário, um protesto nacional em Lisboa para o dia 13 de Novembro, o certo é que a Direcção–Geral da AAC (DG/AAC) acabou por desistir, alegando falta de condições, devido à desunião entre as diferentes associações de estudantes.

Assim, e segundo Victor Hugo Salgado, presidente da DG/AAC, quando esta regressou do último ENDA não havia consenso entre os participantes no encontro e não estariam reunidas as condições para a realização de uma manifestação nacional. Para Victor Hugo, Coimbra encontrava–se "proporcionalmente só relativamente ao número de academias presentes" e "a DG/AAC teve de tomar uma posição que reflectisse a opinião dos estudantes das faculdades".

Plenário extraordinário

No seguimento desta política, a DG/AAC convocou, no dia 11, um plenário alargado extraordinário, onde estiveram presentes cerca de oito dezenas de estudantes, entre membros de núcleos, secções, representantes dos conselhos directivos e pedagógicos das faculdades, estudantes senadores e elementos da Assembleia da Universidade. Nesta reunião, a DG/AAC relatou os acontecimentos do ENDA, abrindo posteriormente espaço à discussão sobre as medidas a tomar. Após todas as intervenções, e segundo vários presentes, pairava no ar a ideia generalizada de que a ida a Lisboa era um processo irreversível. No entanto, e no final de quase quatro horas de debate, a DG/AAC entendia que não havia consenso entre os presentes, isto apesar dos muitos protestos. "Acabou por pesar mais o número de estudantes e dirigentes que não estavam predispostos a ir, pois havia o risco de a academia sair desacreditada", defendeu Victor Hugo.

No entanto, um grupo de estudantes que não se revia nesta posição passou à acção e recolheu assinaturas solicitando o apoio logístico da DG/AAC a nível de transporte e alimentação para os que se quisessem mobilizar rumo a Lisboa.



Contra a posição oficial, alguns estudantes de Coimbra foram a Lisboa

Destino: São Bento

A DG/AAC garantiu o transporte, e no dia seguinte, cerca de oitenta estudantes partiram rumo à capital para se juntarem a congéneres de Lisboa, Viseu, Aveiro, Minho, Porto e Évora. Já na capital, a desunião nacional voltou a marcar o protesto. Face ao número reduzido de manifestantes, os estudantes ponderaram a troca da marcha por um plenário mas, após um período de discussão, o grupo de Coimbra decidiu tomar "as rédeas" e rumar até à Assembleia da República, encabeçando o protesto, que enfrentou ainda o vento e a chuva. "Durão sovina, há fome na cantina" ou "Acção Social não existe em Portugal", foram algumas das palavras de ordem com que o cordão humano desfilou contra os cortes orçamentais. Mesmo assim, a demarcação oficial das associações académicas de Lisboa, Coimbra e Porto acabou por ensombrar a manifestação nacional.

Noite gelada, Magna quente

Na rua, o frio que se fazia sentir era cortante, mas as discussões que se criaram na última Assembleia Magna (AM) aqueceram o ambiente.

Os estudantes reuniram–se no dia 14 de Novembro, numa AM convocada para discutir iniciativas a desenvolver na luta contra os cortes orçamentais. Contudo, uma série de outras questões passou esse ponto para segundo plano. A decisão da DG/AAC de não integrar a manifestação de dia 13, em Lisboa, e um conjunto de questões de carácter eleitoral e partidário motivaram uma acesa discussão, à qual não é alheio o facto de a campanha para a DG/AAC se iniciar oficialmente hoje.

Victor Hugo Salgado abriu as hostilidades, desafiando as listas adversárias a assumirem perante a assembleia os seus projectos. Um discurso vaiado por muitos dos cerca de 400 estudantes presentes, que manifestaram assim o seu descontentamento em relação ao aproveitamento político da AM.

Apesar das longas discussões, houve espaço para a aprovação de medidas concretas. Além de terem sido calendarizadas as iniciativas saídas da AM de dia 5, foram aprovadas ainda mais três propostas. Assim, vai ser levada a cabo uma iniciativa intitulada "A Verdade do Oculto", com a intenção de mostrar, através da comunicação social, a realidade das faculdades e que irá terminar no dia 12 de Dezembro, com uma manifestação da academia coimbrã em Lisboa. Aprovou–se também a entrega de uma carta aberta ao governador civil, demonstrando o repúdio pelo orçamento para 2003 no que toca ao financiamento da UC, bem como uma carta explicativa de toda esta situação, a ser enviada aos pais dos alunos desta instituição. Por fim, aprovou–se ainda uma proposta de solidariedade da AM com todos aqueles que foram a Lisboa e o repúdio por todos os que, a nível nacional, se empenharam na desmobilização da manifestação de dia 13.

Reacções ao actual momento de contestação aos cortes orçamentais

DG/AAC e candidatos comentam manifestação de Lisboa

Victor Hugo Salgado

O actual presidente da DG/AAC garante que, depois do ENDA, foram feitos todos os esforços para consciencializar o maior número de associações para a manifestação em Lisboa. Contudo, na véspera, a DG/AAC, reflectindo "a opinião de estudantes e núcleos das faculdades", desmarcou o protesto por considerar que a nível nacional não estavam reunidas as condições para seguir com a acção, que "podia desacreditar a academia de Coimbra". Desvaloriza a importância dos estudantes que foram a Lisboa, referindo que 80 estudantes não espelham o espírito académico, embora afirme que esteve "sempre do lado da luta dos estudantes, mesmo não acreditando nela".

Daniel Martins

O cabeça de lista pelo Muda_AAC, criticou a forma como a DG/AAC empreendeu os esforços de consciencialização para o protesto: "A DG/AAC não procurou nem quis mobilizar e informar os estudantes. Só no dia anterior é que se soube que a AAC não ia à manifestação. Não é com um dia de antecedência que se diz que afinal não vai haver um manifesto". Daniel Martins mostrou–se ainda indignado "com o rumo imposto ao movimento estudantil português, pelo órgão que supostamente o deveria representar, o ENDA". Mas salienta que, apesar de tudo, os estudantes têm consciência que o ensino superior tem problemas e que "não é este orçamento que os vai resolver".

Emanuel Bastos

Este trabalhador estudante, líder da lista sob o lema "Força é pois ir buscar outro caminho", considera que "não havia um interesse real de ir a Lisboa por parte da [DG da] AAC". "A AAC parece andar a reboque de alguém, quando devia iniciar a luta sem esperar que outras pessoas se definissem", defende. Na sua opinião, a manifestação que ocorreu "foi melhor do que não se ter feito nada", mas é preciso "radicalizar a luta", pois com iniciativas deste género, "eles [o governo] riem–se de nós". Afirma ainda que a desunião que se verificou em torno desta manifestação "é um espelho do que se passa no resto da sociedade", pois as pessoas não têm noção do que se passa.

João Pedro Martins

O cabeça de lista pelo Movimento Superior por um Ensino Superior (MSES) considera que a manifestação foi um sucesso, apesar de todos os contratempos que antecederam a mobilização, como foi o facto das maiores academias terem decidido não ir a Lisboa. Salienta ainda a importância e a vitalidade dos estudantes de Coimbra, que "tomaram a iniciativa de partir para a manifestação" num momento de impasse das outras associações presentes, e lamenta que "os dirigentes das maiores academias não estejam tão consciencializados como estes estudantes". João Martins queixou–se ainda da falta de apoio da DG/AAC para com o protesto.

"Anexos" da UC explicados

Despesas anexas

Não se sabe ao certo quantos são. Nem se sabe ao certo se existem. À luz dos estatutos da Universidade de Coimbra (UC), não há nada a que se possa chamar "anexos". Existe, sim, um conjunto de serviços e estabelecimentos que complementam o funcionamento da mais velha universidade do país. Estruturas que custam aos cofres do Estado cerca de dois milhões de euros por ano.

MARYLINE ALVES
MARCO CARVALHO
ANA OLIVEIRA


ANA SILVA

Jardim Botânico: um dos "anexos" que mais recursos consome à UC

O termo "anexos" é, em Coimbra, um termo ambíguo. Quando, há pouco menos de um mês, a Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) se propôs leiloar as faculdades e os anexos da universidade, poucos eram os que tinham conhecimento concreto da natureza dos chamados anexos.

Na altura, a DG/AAC apresentou 16 infra–estruturas sob essa designação, mas os números avançados pela Universidade de Coimbra são outros. No prospecto para o corrente ano lectivo - da responsabilidade da reitoria - são agregados a essa denominação apenas nove infra–estruturas, entre as quais pontificam equipamentos tão díspares como o Estádio Universitário ou a Capela de S. Miguel.

A reitoria, aliás, opta por designar esses equipamentos por serviços. "Estatutariamente, não há nada a que se possa dar o nome de anexos", explica Seabra Santos, vice–reitor da UC. "O que existe é um conjunto de serviços e estabelecimentos, um leque de ofertas que complementam a acção pedagógica".

Se alguma razão existe que legitime ainda um uso do termo, essa legitimidade poderá eventualmente surgir no âmbito do contrato–programa celebrado em 1998 entre o governo e a Universidade de Coimbra. O protocolo prevê o financiamento extra–orçamental de oito serviços e equipamentos específicos. A saber, o Jardim Botânico, o Observatório Astronómico, o Museu da Física, o Museu de História Natural/Museu da Ciência, o Estádio Universitário, o Arquivo da UC, a Biblioteca Geral e o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). O contrato–programa acaba por perfazer uma solução viável para a manutenção dos espaços. Para além de não onerar a reitoria com uma despesa que a universidade dificilmente poderia suportar, o acordo inscreve em si a possibilidade da concretização de projectos de melhoramento. Até porque a reitoria e a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) dividem, neste processo, a responsabilidade da tutela das infra–estruturas. Sob dependência directa da reitoria encontra–se o Arquivo da Universidade, a Biblioteca Geral, o TAGV e o Estádio Universitário. Os restantes quatro "anexos" são, desde 1991, da competência exclusiva da FCTUC.

O termo "anexo" acaba por ser uma dádiva da história. Aparece com a reforma dos Estudos Gerais promulgada pelo Marquês de Pombal em 1772. Nesse ano, para além de uma reestruturação das cátedras, surge uma série de mais valias que colocam a Universidade de Coimbra na vanguarda do academismo europeu.

A designação esteve em vigor, de acordo com José Mesquita, director do Departamento de Botânica da FCTUC, até 1991, ano em que a reforma dos Estatutos da Universidade de Coimbra tornou a denominação obsoleta.

Anexos a preço de ouro

Os ditos anexos da Universidade de Coimbra, que a reitoria prefere dominar de "serviços e estabelecimentos de acção pedagógica", custam ao Estado dois milhões de euros por ano.

Os serviços e estabelecimentos que beneficiam do contrato–programa assinado em 1998 receberão, no próximo ano, de acordo com o vice–reitor Seabra Santos, cerca de dois milhões e 460 mil euros. Desse montante, um total de um milhão e 760 mil euros reverte para as infra–estruturas directamente tuteladas pela reitoria. Os restantes 700 mil euros destinam–se ao financiamento dos estabelecimentos coordenados pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Os oito estabelecimentos que recebem a ajuda do Governo devem atender apenas a uma contrapartida imposta pelo acordo entre o executivo e a universidade: rentabilizar, a uma razão de dez por cento, o dinheiro investido. O mesmo é dizer que, se em 2003, o Jardim Botânico receber do Governo 200 mil euros, terá ao fim do ano de apresentar, pelo menos, 20 mil euros de receita líquida.

"Não sou pessoa de fugir às responsabilidades"

Seabra Santos candidata–se a reitor

Poucos dias depois da substituição de Fernando Rebelo pelo professor decano da universidade, Arsélio Pato de Carvalho, começam a perfilar–se já os candidatos a reitor. Seabra Santos é o primeiro a vançar.

JOÃO PEREIRA

O vice–reitor da Universidade de Coimbra (UC), Jorge Seabra Santos, afirmou, em declarações ao jornal A CABRA, que será candidato nas proximas eleições para a reitoria. Segundo o professor catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC (FCTUC), têm sido "várias as pessoas de todos os quadrantes e de todas as faculdades" a insistir para que se candidate ao lugar deixado livre pela recente saída de Fernando Rebelo.

Seabra Santos fala de uma "conjuntura desfavorável" na universidade e garante não ser "pessoa de fugir às responsabilidades", razão que constitui o mote da sua candidatura ao cargo de reitor. O vice–reitor, alegadamente está bastante bem colocado entre os estudantes membros da Assembleia da Universidade, afirma ainda possuir "contactos de pessoas e instituições a todos os níveis" e estar "consciente dos problemas da instituição". Seabra Santos entrou para a reitoria em 1998, tendo desde então vindo a ocupar o cargo que actualmente desempenha.

A juntar–se a esta, parece quase garantida a candidatura de Lélio Quaresma Lobo. O presidente do Conselho Directivo da FCTUC já concorreu nas eleições de 1998, juntamente com Fernando Rebelo, Carlos Sá Furtado e Reis Torgal, mas, até à hora de fecho, não foi possível uma confirmação. No entanto, aquando da apresentação formal de renúncia de Fernando Rebelo à Assembleia da Universidade, Quaresma Lobo já havia afirmado publicamente a possibilidade de uma nova candidatura à reitoria.

Outro nome em perspectiva é o de Teresa Mendes, já indiciada na comunicação social como uma possível candidata. A docente da FCTUC integra o grupo de nove professores que subscreveram um manifesto acerca do pedido de demissão de Fernando Rebelo e da situação actual da UC. Quando interrogado sobre uma possível candidatura de um dos elementos deste grupo ao lugar de reitor, António Dias de Figueiredo, um dos subscritores do documento, afirmou que "não há nenhuma decisão nesse sentido". Também José Manuel Pureza, outro dos signatários, afirmou não haver ainda "nenhuma decisão tomada", embora, dada a proximidade das eleições, uma posição deva ser dada a conhecer já a "curto prazo", no decorrer desta semana.

Ao todo, são 159 os professores catedráticos de nomeação definitiva que, como tal, se apresentam em posição elegível. Da FCTUC e da faculdade de Letras fazem parte 101, um número que representa mais de dois terços do universo de potenciais candidatos.

284 trabalhadores em risco de desemprego

Bagir pode fechar em Dezembro

Trabalhadores já assinaram rescisão, mas há esperança de que a empresa mantenha as portas abertas.

MARGARIDA MATOS
DIANA RAMOS

A administração da empresa Bagir - Confecção Portuguesa, de capitais israelitas, anunciou a intenção de fechar as portas da fábrica em Portugal, até ao final deste ano. Em causa está o despedimento de cerca de 284 trabalhadores.

A holding israelita Polgat adquiriu em 1999, através da Bagir, a Blazer, uma empresa de Coimbra que, apesar de estar em fase de recuperação, passava ainda por dificuldades financeiras. Para além da compra da empresa, a multinacional adquiriu também o seu património, num valor que ronda os 1,8 milhões de euros.

A Bagir fazia parte de um programa de diversificação geográfica da Polgat, uma das mais importantes empresas israelitas, para fazer face à crescente concorrência de países com mão–de–obra barata.

A aquisição da empresa foi acompanhada da exigência de que todos os trabalhadores rescindissem o contrato de trabalho e assinassem um novo, o que significa a eliminação de um direito fundamental dos trabalhadores: a antiguidade.

Passados três anos, a esperança de um futuro profissional assegurado ruiu por completo com o anúncio da intenção de fecho da unidade. A razão apontada pela Polgat para encerrar a fábrica é transferi–la para outro país, onde as condições e incentivos fossem mais favoráveis. Outro dos factos mencionados é a alegada burocracia existente em Portugal.

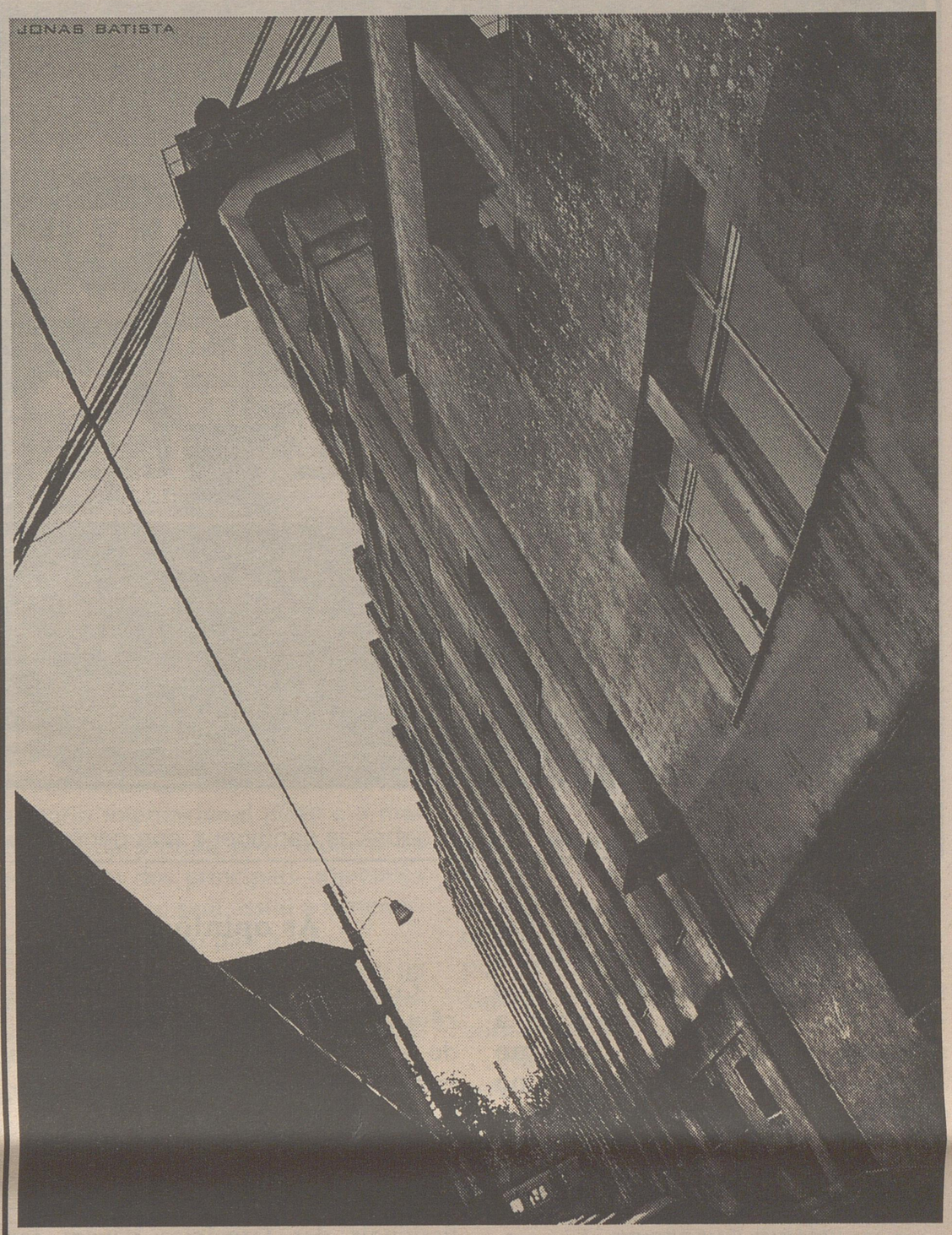
O ministro da Economia, Carlos Tavares, afirmou numa recente visita a Coimbra que estava optimista quanto ao futuro da unidade fabril, salientando os esforços desenvolvidos juntamente com a autarquia local junto dos administradores da empresa. Mas, segundo António Moreira, da União de Sindicatos do Centro, o processo de rescisão de contratos já se iniciou, tendo vários trabalhadores assinado o documento.

Apesar dos motivos mencionados pela Polgat para o encerramento, muitas questões estão ainda por responder, nomeadamente a quantia paga pela empresa na compra da ex–Blazer (um valor talvez irrisório comparado com o lucro resultante da sua venda actual) e o facto de esta ter sido ou não financiada ou incentivada pelo Estado ou entidades locais. Segundo os sindicatos, poderá estar em causa muito mais do que a falta de competitividade do país, pesando para a venda da empresa factores como o lucro decorrente do processo e eventuais incentivos à instalação num outro país.

O futuro da unidade fabril, está assim por definir, mantendo–se a esperança de que a administração, câmara municipal e Ministério da Economia cheguem a acordo. A situação dos trabalhadores da Bagir conhecerá o seu veredicto até ao final do mês.

De referir que casos como o da Bagir motivaram a criação recente da Agência Portuguesa para o Investimento, que se propõe a captar novo investimento estrangeiro e a aumentar a atractividade para o já existente.

JONAS BATISTA



A fábrica da Triunfo é um dos exemplos recentes de falências em Coimbra

Falências sobem 20 por cento

A conjuntura económica actual está a provocar o encerramento de várias unidades fabris no concelho de Coimbra. A retracção do investimento público, em resultado das medidas de contenção orçamental é uma das principais justificações para a crise a que se assiste no sector industrial.

Dados revelados pela União de Sindicatos do Centro revelam que 73 empresas encerraram as portas, nos últimos 10 anos, com cerca de 6000 empregos perdidos. Empresas como a Triunfo e a Fábrica da Cerveja, que encerraram já este ano, e como a CIV em Miranda do Corvo e a Scotwool na Figueira da Foz, são alguns dos exemplos mais recentes de falências na região.

Parecer da câmara aprova o projecto

Teleférico em Coimbra

A reunião camarária do dia 5 de Novembro deu o parecer favorável ao "estudo–base" do projecto de construção do teleférico que sobrevoará o Jardim Botânico.

LUÍSA BOURBON

O executivo municipal de Coimbra pronunciou–se positivamente acerca da questão do teleférico sobre o Jardim Botânico, possibilitando assim a progressão da iniciativa que se encontra na fase de estudo prévio.

De acordo com o previsto actualmente, duas estações, 250 metros de extensão e um desnível de aproximadamente 70 metros, vão fazer a ligação entre as partes baixa e alta da cidade (Universidade de Coimbra e Parque D. Manuel Braga), num percurso através da encosta do Jardim Botânico, área que actualmente não é acessível ao público visitante. Entre ambas as estações existirão torres intermédias, equipadas com um sistema automático de segurança, que no caso de qualquer tipo de situação anómala deterá as cabinas.

No estudo prévio (a cargo de empresas da especialidade), propõe–se a instalação de um teleférico de pinça fixa do tipo "vaivém", com dois grupos de cabinas fixas ao cabo transportador, em posição oposta. A capacidade mínima para o transporte é de 500 utentes por hora, em cada sentido. Ainda de acordo com o plano actual, a proposta aponta para equipamento de "última geração, com cabinas panorâmicas e máximo conforto".

Este projecto, que beneficia de verbas do programa Polis, além da melhoria face aos problemas de ligação entre as duas áreas do centro histórico conimbricence, é também uma aposta, por parte das entidades competentes, a nível turístico.

Eco - Museu abre portas em 2003

Natureza em exposição

O património ecológico da Mata da Geria prepara–se para receber visitantes no próximo ano, sob o formato de um Eco–Museu.

ISABEL OLIVEIRA

É ja para o próximo ano que está programada a abertura do museu ecológico na Mata da Geria, em S. João do Campo. Este projecto, cuja entidade responsável é a Direcção Regional de Ambiente e Ordenamento do Território (DRAOT) do Centro tem como finalidade sensibilizar e educar determinados públicos no que diz respeito ao ambiente. As escolas e a classe política são os alvos visados, num projecto que conta com o apoio das autarquias e juntas de freguesia.

O museu encontra–se dividido em três trilhos: o verde, o amarelo e o vermelho, que agrupam diferentes espécimes vegetais e animais. Estes percursos estão munidos de painéis explicativos, caracterizados pela DRAOT, que para tal tem contado com a ajuda da QUERCUS.

Até à data, já foram empregues 80 mil euros no museu, mas a obra mais dispendiosa, para a qual serão necessários entre 100 mil a 150 mil euros, é a restauração da antiga casa do guarda–rio, que vai acolher o Centro do Eco–Museu. Para este edifício estão destinados um espaço de exposição, uma sala multimédia e um mini–laboratório, entre outros.

A equipa da Divisão de Conservação da Natureza, constituída por António Martins, José Raposo, Susana Silveira e Raquel Campos, criou assim várias infra–estruturas que pretendem criar as condições necessárias, num espaço votado ao abandono, para que a Mata da Geria possa ser visitada, tirando o melhor partido da diversidade da fauna e flora.

Campanha de sensibilização começa para a semana

Genéricos a caminho



Governo lança campanha para informar sobre as vantagens dos genéricos

Após ter sido aprovado um conjunto de medidas com vista à disseminação dos genéricos, cujo objectivo último é diminuir a despesa com a saúde, o Governo lança na próxima semana uma campanha que visa informar e sensibilizar o público para as possibilidades destes fármacos.

MÁRIO GUERREIRO
SARA MARTINS
CARLA PINTO

Na próxima semana, o Ministério da Saúde (MS) inicia uma campanha de sensibilização sobre os medicamentos genéricos. A campanha, que se prolonga até ao final do primeiro semestre de 2003, vem na sequência das medidas aprovadas há cerca de dois meses, em Conselho de Ministros, e que pretendem aumentar o consumo dos genéricos em Portugal. O objectivo é a redução da despesa pública da saúde através de um mercado de genéricos que represente, até ao final de 2004, dez por cento das vendas de medicamentos.

O primeiro passo é a utilização, até ao final do próximo ano, da Denominação Comum Internacional (DCI) na prescrição de medicamentos. Nas receitas médicas deixam de figurar os nomes de marca dos remédios e passa a ser utilizada a substância activa que compõe o produto pretendido.

Incluídos também nesta legislação estão novos valores para a comparticipação de medicamentos, regulados através do sistema de "preços–referência". Estes são calculados tendo em conta o preço do produto de marca mais barato e o genérico mais caro, o que leva a uma redução da comparticipação, por parte do Estado, nos medicamentos de patente. Através deste sistema, é esperado um encaixe financeiro de cerca de 60 milhões de euros (12 milhões de contos), e uma poupança substancial na área.

As opiniões

Com a nova legislação, o farmacêutico vê o seu poder reforçado, dado ser obrigado a informar o utente da existência ou não de um genérico para o medicamento receitado.

Aranda da Silva, bastonário da Ordem dos Farmacêuticos (OF), em declarações à TSF, defendeu que os profissionais das farmácias devem ser compensados por esse trabalho de informação.

Por seu lado, a Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO), tornou pública a sua posição na qual defende que a prescrição de medicamentos deve pertencer apenas ao médico, e critica a possibilidade do farmacêutico substituir o remédio receitado pelo genérico.

O secretário geral da DECO, Jorge Morgado relembrou, de acordo com a Agência Lusa, que "nem todos os genéricos são mais baratos", e adiantou ainda que a associação é favorável a estes medicamentos apenas quando tal acontece. A DECO é apologista também da instalação de bases de dados que permitam aos médicos "ter acesso ao preço dos medicamentos e prescrever os mais baratos".

A Ordem dos Médicos manifestou–se, ainda em vésperas de aprovação do diploma, a favor da prescrição por DCI. No entanto, pretende que o médico continue a ter a possibilidade de escolher o genérico de determinado laboratório, quando considere necessário, ou a preferir o medicamento de marca, se tal se revelar uma melhor solução para a patologia em questão.

João Cordeiro, presidente da Associação Nacional de Farmácias (ANF) acusou o governo de ter "cedido às pressões da classe médica", após a aprovação das medidas governamentais, e de se preocupar mais com os seus funcionários do que com os doentes. A OF manifesta–se também contra, devido à diminuição da margem de lucro das farmácias na venda de medicamentos, que, antes da aprovação das medidas governamentais, se situava na casa dos 20 por cento.

Na altura da aprovação do diploma sobre a matéria, Luís Filipe Pereira, ministro da Saúde, enjeitou os receios expressos, e garantiu que na "relação médico e utente" não haverá intromissões. Para salvaguardar a indústria farmacêutica, o Estado promete vários incentivos, quer para os laboratórios portugueses, quer para outros estrangeiros que pretendam instalar–se no país.

O que são os genéricos

Um medicamento genérico é um produto em tudo idêntico ao original. A composição, a forma farmacêutica e a eficácia são as mesmas, sendo que, antes de saírem para o mercado, estes medicamentos são sujeitos a rigorosos testes de controlo de qualidade. Aqui, o Infarmed tem o papel principal. Cabe a esta entidade assegurar a eficácia de todos os medicamentos. No caso dos genéricos, estes só são comercializados se apresentarem estudos de bioequivalência que comprovem a mesma acção terapêutica dos medicamentos de marca.

O presidente do Infarmed, Rui Ivo, afirmou em declarações públicas não existirem razões para especulações quanto à qualidade dos genéricos, dado que esta é garantida por uma cadeia de fiscalização que começa no produtor, passa pelo distribuidor e acaba nas farmácias. O próprio Infarmed tem actualmente ao seu dispor um laboratório, dos mais modernos da Europa, onde controla a eficácia dos fármacos.

O único factor que distingue os genéricos dos medicamentos de marca ou referência, é o preço, uma vez que, e segundo a lei, são vendidos por um valor no mínimo 35 por cento mais baixo. Além de que o consumidor, ao optar por um genérico, beneficia de um acréscimo de dez por cento na comparticipação do Estado.

Mas como é que o mesmo produto é posto à venda por preços tão díspares?

Cada fármaco implica vários anos de investigação, bem como milhões de euros investidos. Para compensar o investimento é dada aos laboratórios a possibilidade de, sob protecção de patente, explorarem em regime de exclusividade a venda do medicamento desenvolvido. Este monopólio tem a duração de 20 anos, findos os quais outros laboratórios podem produzir o mesmo fármaco, dando–lhe a denominação da substância activa que o compõe. Uma vez que não tiveram um investimento de raíz, estes podem comercializar o mesmo produto a preços mais acessíveis; são os chamados genéricos ou medicamentos de marca branca.

Nos países europeus, a quota de mercado ocupada pelos medicamentos genéricos é superior a 30 por cento. Em Portugal esse valor ronda os 1,4 por cento, embora a opinião geral seja a de que essa quantia tenha um potencial equivalente aos vizinhos europeus.

Menos gastos na saúde

A despesa global da área da saúde deve aumentar menos que o inicialmente previsto, quedando–se pela casa dos três por cento, um valor mais baixo que o perspectivado há alguns meses, e substancialmente inferior aos gastos finais do ano transacto, em que foram gastos 5,6 por cento do Orçamento de Estado. No Serviço Nacional de Saúde, a diferença na despesa deve rondar os 4,6 por cento, quando no ano passado esse número era de seis por cento.

Estes números, apresentados pelo ministro da Saúde, Luís Filipe Pereira, na Comissão Parlamentar do Trabalho e dos Assuntos Sociais, revelam ainda as áreas do sector em que a redução será mais relevante. A despesa com o pessoal deve passar para 6,5 por cento, após ter registado 10,7 por cento em 2001. Por seu lado, as contas respeitantes a compras e fornecimentos são as mais inquietantes, dado terem apresentado em Julho último valores demasiado superiores ao esperado.

Esta redução, como referiu o ministro, é possível devido às medidas recentemente levadas a cabo pelo executivo, como a empresarialização das unidades hospitalares, as políticas referentes aos medicamentos, nomeadamente os genéricos, e a aplicação dos preços de referência. O MS espera também cortar nos gastos, com a fusão de organismos do sector pela criação de novas leis orgânicas que afectam o Infarmed e a Direcção–Geral da Saúde, entre outros.

Para o ano que se avizinha, o Governo conta lançar os concursos públicos para a construção de quatro novos hospitais.

Islamistas com maioria absoluta

O novo rumo da Turquia

Um partido islamista moderado venceu as eleições turcas, demonstrando a vontade de mudança da população. Entre outras medidas, o novo governo de Ancara pretende concretizar a adesão à União Europeia (UE).

TIAGO AZEVEDO
SARA CARDOSO
GUSTAVO SAMPAIO

As eleições antecipadas na Turquia, de 3 de Novembro, proporcionaram uma maioria absoluta ao Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP), de cariz islamista. Pela primeira vez desde a sua fundação, no final da Primeira Guerra Mundial, a República Turca vai ser exclusivamente governada por um partido não–laico. Para já, um dos principais garantes da estabilidade política turca, a hierarquia militar, aceitou os resultados, referindo a legitimidade da eleição.

Os 363 lugares conquistados na Assembleia Nacional (AN), correspondem a 34,3 por cento dos votos e garantem ao AKP a possibilidade de formar um governo maioritário. O líder do partido, Recep Tayyip Erdogan encontra-se impedido de ocupar o cargo de primeiro-ministro, devido a uma condenação por incitamento ao ódio religioso, em 1998. Assim, Abdullah Gul, um dos vice-presidentes do AKP, foi já indigitado como primeiro-ministro e apresentou ontem a sua equipa.

A segunda força política representada ao nível parlamentar, o Partido Republicano do Povo (CHP), laico e de esquerda, conseguiu eleger 178 deputados com 19,4 por cento da votação nacional. Este partido admitia a possibilidade de uma coligação eleitoral com o AKP, o que não se veio a confirmar, preferindo antes constituir uma "oposição construtiva". No total de 550 deputados, foram ainda eleitos nove independentes.

Estes resultados representam uma reviravolta política, com os outros partidos a serem afastados da AN, incluindo os três decorrentes da coligação governamental cessante. A AN fica assim reduzida a dois partidos, o AKP e o CHP, desvanecendo o sistema partidário turco, acusado de falta de transparência. Segundo os analistas, os 32,7 milhões de votantes demonstraram a sua insatisfação perante a grave crise económica que já provocou milhões de desempregados e uma queda de 50 por cento do valor da lira turca.

Os grandes derrotados das eleições foram o Partido da Justa Via (DYP) de Tansu Çiller, com 9,5 por cento dos votos, o Partido da Acção Nacionalista, com cerca de 8,5 por cento da votação, o Partido da Juventude de Cem Uzan, com 7,3 por cento, o Partido Democrático do Povo (DEHAP), com 6,4 por cento, e o Partido Democrático da Esquerda (DSP), do ex–chefe de Estado Bulent Ecevit, com 1,2 por cento. Isto significa que cerca de 45 por cento do eleitorado fica excluído do corpo legislativo. A barreira mínima de 10 por cento da votação nacional que permite a entrada na AN acabou por impossibilitar a sua representatividade.

Candidatura europeia

Após as eleições, o líder do AKP, Recep Erdogan, garantiu a aplicação das reformas recomendadas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e a manutenção da postura pró–europeia da Turquia. Um dos principais objectivos do novo governo será assim a concretização da adesão do país à UE.

A Turquia apresentou um pedido de admissão em 1987, conseguido o estatuto de candidato pleno em 1999. Porém, a data para o início das negociações nunca foi definida devido ao incumprimento de diversos requisitos, como o respeito pelos direitos humanos e pelo estado de direito.

No Verão passado, os turcos aboliram a pena de morte e reconheceram a língua curda, insistindo na marcação de uma data para o início do processo de adesão. Apesar dos esforços diplomáticos, a Comissão Europeia considerou recentemente que as condições de adesão ainda não estão reunidas, referindo a necessidade de acabar com a tortura e de libertar todos os prisioneiros políticos. No próximo Conselho Europeu, a realizar em Dezembro, a Turquia pretende a definição de uma data para o início das negociações.

A população curda

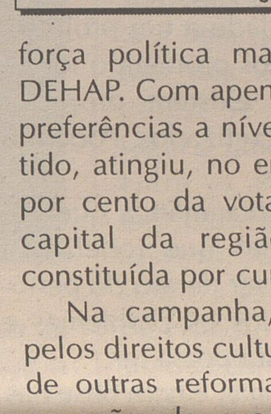
Os 12 milhões de habitantes de etnia curda, concentrados no Sudeste do país, voltaram a não eleger na AN a sua força política mais representativa, o DEHAP. Com apenas 6,4 por cento das preferências a nível nacional, este partido, atingiu, no entanto, cerca de 60 por cento da votação em Diyarbakir, capital da região maioritariamente constituída por curdos.

Na campanha, o DEHAP pugnou pelos direitos culturais dos curdos a par de outras reformas. Após décadas de *negação da sua identidade cultural* própria por parte das autoridades centrais, os curdos continuam a não eleger qualquer deputado, apesar do clima de paz relativa que se vive actualmente na região. Persiste assim o problema de representatividade, onde o AKP e o CHP obtiveram em conjunto apenas 22 por cento da votação.

As recentes alterações constitucionais ampliaram os direitos da minoria curda. Contudo, a organização não–governamental Human Rights Watch refere que o governo turco continua a desrespeitar os direitos humanos da população curda. As autoridades são acusadas de dificultarem o regresso de centenas de milhares de deslocados curdos às suas regiões de origem no Sudeste do país, abandonadas devido à acção das forças militares turcas no decurso do conflito armado.

Eleições na Turquia

A vitória do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP) nas eleições turcas abre caminho para o primeiro governo de partido único do país em anos recentes.



O AKP, de *Recep Tayyip Erdogan* foi um dos dois partidos que ultrapassou a barreira de dez por cento da votação, que permite a entrada na Assembleia Nacional.

Vontade cipriota de aderir à Europa gera crise

O falhanço das conversações de reunificação entre o presidente *Glafcos Clerides* e *Rauf Denktash*, líder da metade cipriota-turca da ilha, pode ameaçar a expansão da União Europeia (UE) em 2004, bloquear a entrada da Turquia na UE, e cimentar a divisão de 28 anos da ilha.



Breve história de uma ilha dividida

1960: **Chipre independente do Reino Unido (RU) após gregos e turcos chegarem a acordo sobre a constituição. O RU mantém duas bases militares.**
1963-64: Violência inter-comunidades explode. Turcos abandonam governo conjunto. Forças de manutenção de paz internacionais entram em cena.
1974: **Junta militar na Grécia apoia golpe de oficiais desejosos de uma união com a Grécia contra o Presidente cipriota-grego Makarios . Forças turcas ocupam terço Norte da ilha – 200.000 cipriotas-gregos fogem para Sul.**
1975: Cipriotas-turcos estabelecem administração independente sob Denktash
1983: **RTCN reconhecido apenas pela Turquia**
1993: Clerides torna-se presidente cipriota-grego
Dez 2001: Conversações apoiadas pela ONU têm lugar na "área-tampão"

Fontes: International Institute of Strategic Studies, Jane's Foreign Report © GRAPHIC NEWS

Um dilema a resolver

A questão da ilha dividida de Chipre vai constituir uma das primeiras prioridades do novo Governo turco. Relembre–se que esta situação se traduz num dos principais obstáculos à adesão na UE. A Turquia ameaça anexar a República Turca de Chipre do Norte (RTCN) se a parte grega da ilha entrar na União sem estar resolvido o ponto de discórdia.

Esta problemática da divisão, que remonta a 1974, coloca em confronto dois blocos: a parte cipriota grega, reconhecida internacionalmente, e a parte turca, unicamente reconhecida pelos turcos. Se para a comunidade internacional, a ilha é representada pelos órgãos da República do Chipre, no entanto, a RTCN é governada pelas suas próprias autoridades, eleitas pelos cipriotas turcos e é completamente dependente - política, militar e economicamente - da Turquia.

Apesar da procura de soluções para este caso, a probabilidade de adesão da República do Chipre à UE espicaçou o processo, visto que a parte norte não é reconhecida internacionalmente. Por seu turno, a UE não quer ver um país dividido nos seus quadros e pretende a qualquer custo resolver a questão. Em discussão estão temas como a escolha entre um estado federal ou uma confederação de dois estados independentes. O sucesso destas negociações vai depender das cedências e da vontade demonstrada pelos líderes grego e turco.

Candidatos apresentam ideias e projectos

GUILHERME OLIVEIRA
FÁTIMA PINTO

Foram entregues à Comissão Eleitoral das eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra de 2003 quatro listas candidatas à Direcção Geral (DG/AAC) e outra exclusivamente ao Conselho Fiscal (CF/AAC). A campanha eleitoral começa hoje e até aos próximos dias 27 e 28, quando se realiza a votação, mostra–se quem são os candidatos ao mais ambicionado cargo da AAC.

Em conversa com o jornal A CABRA os cabeças de lista dão a conhecer as suas posições.

As perguntas

1. Quadrante político? Pertences a algum partido? Em qual te incluirias?
2. O que te leva a avançar?
3. Como defines a tua equipa?
4. Quais os males da AAC? Que soluções para os problemas da academia?
5. Se fosses eleito, qual a primeira medida que tomavas?
6. Orientaçoes da campanha?
7. Perspectivas para o processo eleitoral?

"Excede–te Mais"

Victor Hugo Salgado, de Vizela, 25 anos, estudante do terceiro ano de Direito recandidata–se à presidência da DG/AAC

1- Não pertenço a qualquer partido, nem me enquadro de momento em qualquer quadrante. Enquanto fui e for presidente, caso venha a ser reeleito, quero continuar a usar e a servir a AAC, sendo esse o meu partido.

2- Dar continuidade a um projecto. Tudo o que havíamos prometido foi alcançado, contudo existem projectos que devem ser concretizados. Podemos fazer mais e melhor.

3- Uma equipa pragmática que trabalhará nas questões que rodeiam a AAC, para desenvolver dentro do período do mandato todos os problemas e necessidades que esta possa ter.

4- Em primeiro lugar, e com base nas secções culturais, desportivas, nos organismos autónomos e grupos académicos existe, um problema: o espaço. A DG está a desenvolver dois projectos, e irá continuar a fazê–lo. Primeiro, construir o edifício do Pólo II e, segundo, iniciar a reconstrução do edifício da AAC, como previsto. Achámos fundamental desenvolver obras de pormenor que permitissem adequar o edifício à realidade.

Outro problema passa pela falta de ligação da academia às faculdades. É necessário desenvolver actividades, como ao longo deste ano. Uma delas será uma feira na alta universitária, demonstrativa do que é a academia.

5- A AAC tem de ser multifacetada. Tem uma vertente cultural, desportiva, de apoio as saídas profissionais e outras que têm de ser desenvolvidas paralelamente. Nenhuma pode ser esquecida, o fundamental é avançar com projectos para concretizar as iniciativas.

6- Em primeiro lugar, aproximar a academia das faculdades e vice–versa, em segundo, marcar posições internas e externas.

Aproximar a academia das faculdades é sobretudo o trabalho que foi feito na cultura, desporto e em todos os pelouros e até nos núcleos, e que vamos continuar. Em sentido inverso pretende–se criar mais condições, para que os estudantes passem sucessivamente pela AAC.



A nível interno é fundamental resolver a questão do reitor. Chamar a atenção dos estudantes para que percebam a realidade e quem são os candidatos a reitor.

Em relação à autarquia, concretizar com brevidade os protocolos. Quanto ao Governo é necessário marcar uma posição. Até aqui, mostrámos descontentamento em relação a várias temáticas. É necessário pronunciarmo–nos sobre novas questões. Uma nova lei de organização e ordenamento do Ensino Superior, um novo estatuto da carreira do docente e uma nova lei do financiamento. Esta não serve e não demonstra adequação à realidade.

7- É fundamental que o processo eleitoral corra com normalidade. Acho que não existe e nem existirá por parte do nosso projecto qualquer tipo de oposição a tal. O objectivo é desenvolver um processo transparente.

"Força é pois ir buscar outro caminho"

Emanuel Bastos, conimbricense e aluno do terceiro ano do curso de História, é um dos quatro candidatos à presidência da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Na sua candidatura, o trabalhador–estudante de 31 anos utiliza um lema de Antero de Quental.

1- Tenho ideologia política, mas não tenho partido. Sou de esquerda, mas de momento sou apartidário.

2- Os problemas do ensino, mas não só. O ensino é um reflexo da sociedade. Temos de começar a pensar quais os factores que fazem com que tenha chegado a este ponto, pois está morto, moribundo, decadente.

3- É um conjunto de estudantes que não estão de acordo com o sistema que está a ser implementado no ensino e que procuram um caminho novo.

4- São muitos. Em primeiro, é uma AAC que não representa os estudantes. Relativamente à Declaração de Bolonha, ainda não se viu uma posição firme, a não ser na retórica de trazer por casa do presidente da DG/AAC, que diz ser contra. Mas não há uma luta activa contra o que querem implementar, que é um ensino direccionado para o mercantilismo desenfreado. O ensino é a procura do saber, o desenvolvimento mental. Só assim a sociedade evolui. O problema



arrasta–se há muito e nunca houve um investimento sério. Procura–se deixar cair o ensino o mais possível e depois iniciar a onda de privatizações que já atinge outros sectores.

5- A luta contra as propinas, mas não só. A luta contra este ensino livresco. Relativamente à demissão do reitor, ele tem responsabilidades, bem como a DG/AAC. A DG/AAC deveria canalizar todos para a luta e não o faz pois serve interesses políticos. Portanto não avança, pelo contrário. Porque é que pagamos propinas? Porque não houve uma luta efectiva. As direcções anteriores nunca lutaram pela defesa dos interesses dos estudantes.

6- Com a campanha vamos tentar chegar a todos. A DG/AAC tem uma claque de apoiantes, e alcançou nas últimas eleições, salvo erro, 3000 votos que não representam todos os outros, pois votaram cerca de 6000. A sociedade não se identifica com os partidos políticos e não vota, havendo muita abstenção. Acontece o mesmo com os estudantes que não vêem a DG/AAC lutar pelos seus interesses. Nós temos que chegar a esses. Vamos lutar com os meios que dispomos, porque não temos uma máquina montada como têm outras listas com apoio partidário, embora o neguem. Nós somos os únicos sem apoio partidário. Vai ser desigual. Temos que nos cingir ao que temos.

7- Vemos que a MUDA_AAC e a lista da DG/AAC já se estão a degladiar. Estão a vir o cimo os podres das duas. Nós vamos fazer com que os estudantes tomem consciência da realidade e não vamos entrar em guerras de listas.

"Tolerância 0"

Eurico Sousa Castro, 24 anos, finalista de Direito encabeça uma lista que apenas se candidata ao Conselho Fiscal da AAC.

Porque que te candidatas somente ao CF/AAC?

Estou no quinto ano de Direito e gostava de contribuir com um projecto só meu para a academia. Não vou criticar as outras listas, mas sou a favor e apologista que o CF/AAC deve ser um orgão isento, sem qualquer conotação com a Direcção Geral (DG/AAC), distinguindo o que está certo do que está errado para a AAC, segundo os seus estatutos.

Como defines o funcionamento do CF/AAC nestes últimos anos?

Não vou dizer que funcionou mal. Ficou aquém das expectativas, não da DG/AAC, mas de todos os interessados na AAC. O CF/AAC não é somente um orgão com a finalidade de fiscalizar. Também emite pareceres em relação a tudo o que rodeia a AAC, e nos últimos anos, algumas expectativas não foram bem concretizadas. Nota–se um certo laxismo dentro do CF/AAC.

Tendo em conta que é utilizado o método de Hont na eleição do Conselho Fiscal, quais as tuas expectativas?

O nosso objectivo é eleger um elemento. É complicado, mas foi a nossa grande preocupação enquanto lista: lançar um elemento para contrabalançar as três listas que concorrem para o CF/AAC, de modo a lutar pelos interesses da AAC.

para a academia de Coimbra

"Muda a AAC com Diálogo, Trabalho e Luta"

Daniel Martins, 25 anos, de Vila das Aves e finalista do curso de Engenharia Informática, encabeça a lista que se apresentou na pré-campanha para as eleições da DG/AAC como MUDA_AAC.

1- Não pertenço a nenhum partido. Na actual conjuntura não me incluiria em nenhum. Em termos de quadrante, sou de sensibilidade de esquerda.

Em relação à lista, a minha sensibilidade política não representa, obviamente, a heterogeneidade de opiniões.

2- As falsidades e atropelos que têm sido cometidos aos estudantes, ou seja, um descontentamento que observámos junto da academia, mas não correspondido pela DG/AAC. Nesse sentido apresentamos um projecto de mudança.

3- A equipa formou-se através de um colectivo, de reuniões e programas abertos e de consulta. Não foi uma coisa imposta de cima, de venda de "tachos".

Julgo que conseguimos um grupo forte e consciente. Tentamos não funcionar como lista de carácter presidencialista/partidário, como as que por vezes existem por aí.

4- Primeiramente as questões da política educativa e da informação/consciencialização dos estudantes. Durante um ano não houve um esclarecimento de questões como os cortes orçamentais ou a Declaração de Bolonha. Será importante a criação de um inter-pedagógicos que unifique e debata estas questões transversais à universidade. Propomos também debates e inter-núcleos profícuos, donde saia alguma resolução e nos quais os núcleos sejam informados à partida do que vai ser discutido.

A nível cultural, é o marasmo que vimos no último ano. É preciso abrir a casa aos estudantes para que desenvolvam projectos, ou seja, orientar para a produção e consumo da cultura.

Relativamente à má gestão do edifício, começando pela concessão privada quase total do primeiro piso, queremos devolver a casa aos estudantes.

5- Tomava duas: abrir a casa aos estudantes e reforçar a luta nacional.

6- Teremos três pontos essenciais. O primeiro está relacionado com os tradicionais métodos de informação. Julgamos que vamos ter uma importante palavra a dizer, porque iremos trazer mais conteúdo e ideias e não só palavras de ordem. Iremos trazer questões, debates e uma série de ideias de modo a colocar os estudantes a conversar entre si relativamente ao valor dessas ideias e do que pode tornar válido uma posição. Queremos conversar com as pessoas, não só entregando panfletos, mas a explicar o que é o projecto, a situação da academia e ouvir as suas expectativas.

7- Esperamos que decorra dentro da normalidade. Que os atropelos eleitorais habituais não aconteçam e que as listas se juntem e trabalhem para que o processo eleitoral seja dignificante para a AAC.



"Por um superior ensino superior"

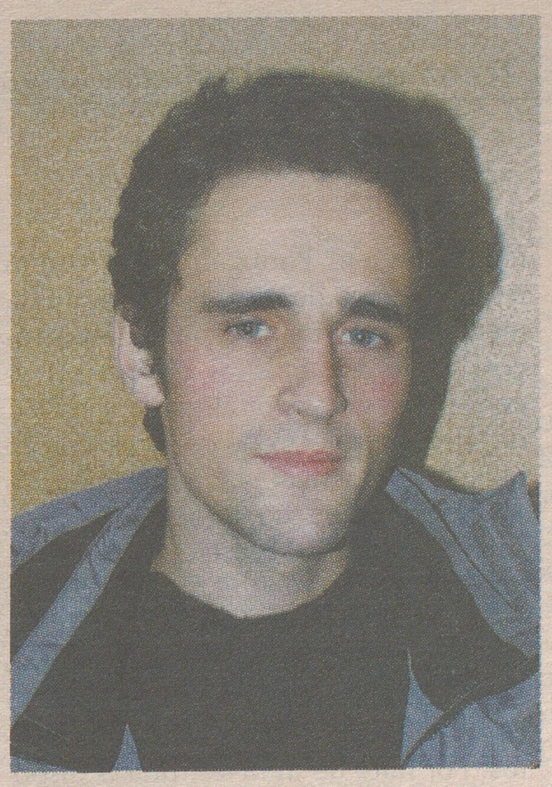
João Martins, natural de Coimbra e finalista de Engenharia Electrotécnica, preside a lista que a par da lista MUDA_AAC fez agitar a pré-campanha. Este estudante de 24 anos lidera o Movimento Superior para um Ensino Superior (MSES) que desde há algum tempo marca a sua existência através de faixas e comunicados.

1- Sou comunista.

2- O facto de ter estado inserido no espaço de discussão que foi o MSES, consciente que este projecto é fundamental para a academia e que, acima de tudo, se assume como uma alternativa. Em termos pessoais, sempre estive ligado ao movimento associativo, que acho estimulante, pelo que achava que dentro da AAC teria um grande contributo para dar.

3- Neste momento é uma equipa que já tem um património de discussão bastante grande, sendo uma equipa de trabalho. Penso que neste próximo ano será uma mais valia para a AAC.

4- O maior problema é a questão da participação dos estudantes. A AAC já não está tão ligada à Universidade e julgo ser necessário que a direcção geral tome iniciativas para chegar mais próximo dos estudantes. Assim, relativamente a esta questão, julgamos que



o pelouro cultural pode dar um contributo bastante grande, que é o de levar as secções da AAC às faculdades. Estreitar relações com os núcleos de modo a permitir que haja um aproveitamento do conhecimento que estes têm das realidades de cada faculdade e uma forte equipa para a informação são as nossas apostas para diminuir a distância dos estudantes à academia.

5- A primeira medida seria abrir um espaço de debate com os núcleos e com os estudantes centrado nas questões de política educativa. É muito importante empenhar todos os estudantes na luta, criando uma dinâmica para combater os cortes orçamentais e também para discutir a internacionalização do ensino uma vez que foi uma questão sobre a qual os estudantes não tiveram qualquer poder de decisão.

6- Vamos iniciar com um processo de sensibilização em relação aos cortes orçamentais, ao regime jurídico para o desenvolvimento da qualidade de ensino e à internacionalização do ensino superior. Depois vamos lançar uma campanha orientada para todas as faculdades.

7- Julgo que o processo eleitoral se vai misturar com a contestação, mas espero que nenhuma destas questões tenha uma influência extrema sobre a outra. Espero que todas as listas compreendam que existem questões relacionadas com a unidade da academia que se levantam mais alto do que o processo eleitoral.

Processo eleitoral visto à lupa

As listas já foram entregues e rectificadas, a Comissão Eleitoral está pronta, a campanha começa hoje: as eleições para os corpos gerentes da AAC estão ao virar da esquina.

As eleições dos corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC) de 2003, segundo o regulamento eleitoral aprovado na Assembleia Magna de 22 de Outubro, realizar-se-ão nos próximos dias 27 e 28.

O acto eleitoral decorrerá por sufrágio secreto, directo e universal, nos quais poderão participar todos os sócios efectivos da AAC no pleno gozo dos seus direitos. Para tal terão de ser identificados pelo cartão de estudante, pelo respectivo bilhete de identidade, passaporte ou carta de condução.

As listas para a Direção Geral da AAC (DG/AAC) e para a mesa da Assembleia Magna (AM/AAC) são apresentadas conjuntamente, sendo eleita a lista que obtiver a maioria absoluta dos votos válidos entrados nas urnas. Se tal não acontecer haverá lugar a uma segunda volta, a disputar entre as duas listas mais votadas e que ocorrerá nos dias 4 e 5 de Dezembro. Já o Conselho Fiscal da AAC será eleito pelo método proporcional de Hondt, não havendo assim lugar a uma segunda volta. Acabou ontem às 17:00 o período para as correções e alterações de irregularidades das listas. A campanha eleitoral que teve início às 0h00 de hoje terminará às 24h00 de dia 23. No caso de segunda volta para as eleições da DG/AAC e da AM/AAC, a campanha decorrerá entre as 0h00 do dia 29 deste mês e as 24h00 do dia 3 de Dezembro.

Andreia Figueiral, estudante de Matemática, é a presidente da Comissão Eleitoral. Tendo sido designada pelo presidente da Assembleia Magna, espera que o processo decorra dentro da normalidade, sem incidentes, admitindo que "a Comissão Eleitoral irá realizar todos os esforços nesse sentido".

No seu entender, um processo eleitoral problemático não dignifica em nada a AAC, pois transparece uma imagem negativa para a opinião pública. Relativamente aos locais de voto, Andreia Figueiral afirma que tanto na faculdade de Letras, onde a falta de uma sala originou graves problemas no acto eleitoral de há dois anos, como em todos as outras faculdades e departamentos, a sua principal preocupação será a de conseguir espaços apropriados que permitam "o bom andamento dos trabalhos e um acto eleitoral sem qualquer tipo de confusões".

A presidente da Comissão Eleitoral espera que o clima de agitação que se vive na academia relativamente à contestação estudantil actualmente levada a cabo e a troca de galhardetes que esta originou entre as listas não se reflicta no processo eleitoral, e que estas saibam discutir as suas ideias em locais próprios, ou seja, nas reuniões deste órgão.

CIÊNCIA

Novas investigações lançam esperança

Malária: futuro incerto

Genómica dos agentes causadores da doença pode abrir novas perspectivas ao seu combate.

FLÁVIA DINIZ
ALBERTO FERNANDES

A descoberta recente dos genomas do agente causador da forma mais letal da malária, o *Plasmodium falciparum*, e do mosquito que o transmite, o *Anopheles gambiae*, veio tazer uma nova esperança relativamente à possibilidade de desenvolvimento de uma vacina eficaz contra esta doença. Recorde–se que, apesar dos muitos estudos acerca desta patologia, todas as tentativas de uma cura têm sido, até agora, infrutíferas.

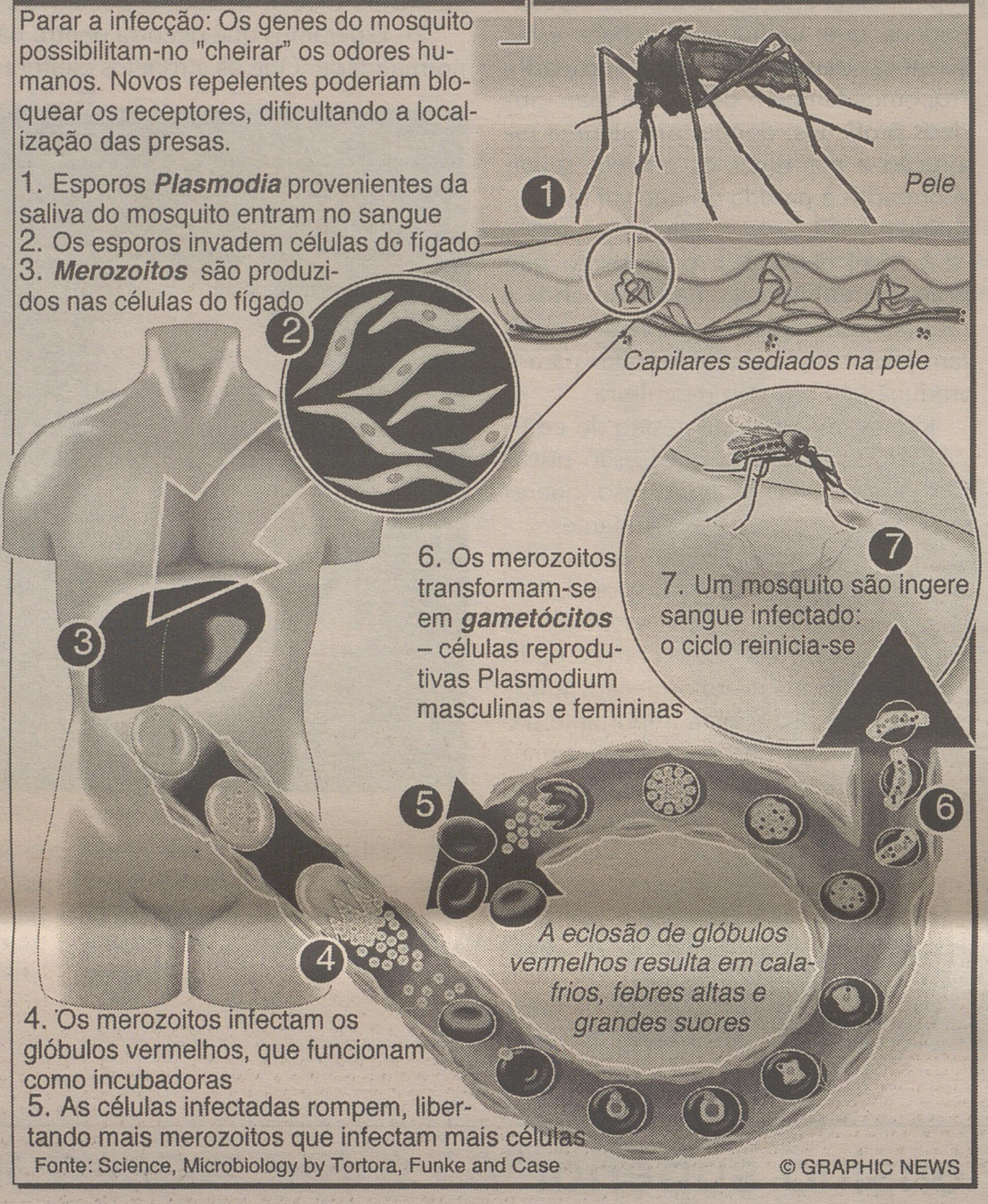
Esta descoberta foi fruto do trabalho de uma equipa de cientistas norte–americanos e britânicos, que procederam à sequenciação dos genomas do parasita e do portador responsáveis pela malária. No entanto, refira–se que os códigos genéticos não foram ainda decifrados, obstáculo que, quando ultrapassado, pode permitir um investimento em novos métodos de erradicação ou diminuição da doença em termos globais.

Juntamente com o genoma humano, as duas sequências genéticas recém–descobertas vêm assim criar novas expectativas quanto à compreensão das relações parasita–hospedeiro, constituindo um considerável avanço na criação de fármacos destinados ao seu extermínio. Não obstante as boas perspectivas para o futuro, a comunidade científica demonstra ainda algum cepticismo em relação a estas recentes descobertas, isto porque se verificaram já alguns casos em que surgiram estirpes de plasmódio e populações de mosquitos resistentes aos produtos químicos utilizados, o que demonstra a clara complexidade genética do microorganismo e respectivo portador.

A malária é uma das doenças infecciosas que continua a matar nas regiões tropicais, frequentemente associadas a pobreza e falta de condições sanitárias básicas, que propiciam a sua rápida propagação. Todavia, esta situação pode vir a alterar–se sob a ameaça de se expandir para zonas de clima temperado, inclusivé Portugal. Basta para isso, que existam as condições favoráveis à reprodução e proliferação do mosquito, como o aumento de temperatura e humidade ou a cada vez mais comum circulação de pessoas.

Genomas ajudam na luta contra a malária

Os cientistas acreditam que o recém-decodificado genoma do mosquito *Anopheles gambiae* e do *Plasmodium falciparum* – o parasita que causa a malária – vão levar ao desenvolvimento de novos insecticidas e vacinas para tratar a doença que anualmente mata cerca de três milhões.



Trinta anos dedicados às algas

Microalgas no Botânico

Apesar de fazer parte do seu espólio, a Universidade de Coimbra desconhece o valor científico da maior colecção de microalgas do mundo.

LURDES LAGARTO
PATRICIA VIC

A maior colecção de culturas de microalgas do mundo encontra–se no Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra. Apesar do seu interesse científico a nível nacional e internacional, este património enfrenta grandes dificuldades por falta de verbas, pessoal e espaço.

Para as coordenadoras da Algoteca, Fátima Santos e Lília Santos, uma das maiores dificuldades que enfrentam é a falta de pessoal que permita a boa manutenção das estirpes, uma vez que estas têm de ser mudadas para meio fresco de três em três meses. Este problema, explicam as investigadoras, relaciona–se directamente com a falta de um orçamento específico, uma vez que a Universidade de Coimbra desconhece a sua importância como recurso científico nacional único e não atribui a este espólio um financiamento regular. Assim, concluem, o crescimento da Algoteca tem sido possível porque esta está ligada a vários projectos de investigação.

A Algoteca, importante em termos de diversidade e potencialidade ecológica, biotecnológica, didáctica e científica, é uma colecção de que fazem parte cerca de 3500 estirpes, 1200 das quais estão identificadas até à espécie ou variedade. Maioritariamente foram recolhidas em Portugal, mas existem também cerca de meia centena provenientes de São Tomé, Espanha e Marrocos. Algumas amostras encontram–se conservadas em azoto líquido a 186º C negativos, projecto de criopreservação que só foi possível graças ao financiamento da Comissão Europeia.

A Algoteca nasceu em 1973, quando é criada a primeira sala de cultivo de algas microscópicas, por iniciativa de José Mesquita, mas o seu sucesso deve–se sobretudo ao trabalho desenvolvido, desde então, por Fátima Santos. Por falta de infra–estruturas disponiveis, há três anos atrás, alguns gabinetes do Departamento de Botânica viram a sua área reduzida de modo a que um corredor desse lugar a um laboratório e três salas, que constituem hoje a Algoteca.

Amor entrou no laboratório

Estudos científicos recentes desmistificam o romantismo, partindo em busca de explicações com base na filogenia, na fisiologia e na bioquímica para definir aquilo que o senso comum se habituou a atribuir ao Cupido.

SOFIA MARQUES

Após séculos a discutir a retórica do funcionamento do amor, as actuais investigações científicas que se debruçam sobre este assunto adoptam agora uma perspectiva mais empírica. O recurso às novas tecnologias (sensores, câmaras e até mesmo algoritmos) constitui a nova solução encontrada pelos investigadores para chegarem à explicação do sentimento amoroso.

Recentemente, em Viena, no Instituto de Etologia Urbana Ludwig–Boltzman, o seu director, Karl Grammer, e a sua equipa desenvolveram uma investigação onde se pretendiam analisar as primeiras reacções entre dois desconhecidos. Para tal, juntaram–se aleatoriamente pares que, após uma encenação dos investigadores, ficavam sozinhos sem saberem que eram filmados. As conclusões são curiosas: além de se ter identificado uma postura típica, comum aos casais que manifestavam interesse mútuo, concluiu–se ainda que as raparigas demonstram a sua disponibilidade através da linguagem corporal ao passo que os rapazes o fazem pela conversação. A estes resultados, o cientista austríaco acrescenta ainda que o comportamento feminino obedece a uma necessidade inscrita no seu ADN, que consiste em tentar descobrir a personalidade e intenções do pretendente. Diz ainda que se os homens procuram a beleza, as mulheres buscam antes a fidelidade.

Esta perspectiva fisiológica é corroborada pelo psiquiatra José Ferré. Segundo este investigador, no seu recente livro "A Mulher, o Seu Corpo e a Sua Mente", o amor é uma emoção primária que, na sua fase inicial, banha o cérebro "em várias substâncias de tipo estimulante", que "provocam a excitação e a euforia próprias desses momentos". Ferré denomina ainda o amor passional como algo semelhante a uma droga visto criar dependência, já que a sua ausência provoca um desassossego próximo do estado de abstinência.

A somar a estas hipóteses, alguns psicólogos explicam o amor como a redescoberta de uma sensação típica da infância: a sensação de novidade, habitualmente associada a um brinquedo novo ou a uma experiência gratificante. Segundo esta teoria, esta emoção fica retida na mente, que tenta recriá–la num encontro amoroso. Os defensores desta ideia são ainda apologistas que os ciúmes funcionam como uma invenção da evolução ao serviço da reprodução e que vão desaparecer ao longo dos próximos 100 anos, permitindo que os "casais" passem a ser constituídos por mais de dois membros.

Primeiro jogo da Superliga em Coimbra

Inauguração sem festa



André foi um dos mais esforçados em campo

Em dia de inauguração do Estádio Sérgio Conceição, Académica e Setúbal empataram a um golo num jogo bem disputado, marcado por um erro de palmatória da defesa da Briosa. Apesar de tudo, a equipa largou provisoriamente a posição de "lanterna vermelha".

PAULO ALEXANDRE TEIXEIRA

Finalmente, após quatro jogos disputados em casas emprestadas, a Associação Académica de Coimbra/Organismo Autónomo de Futebol joga no novíssimo Estádio Municipal Sérgio Conceição, contra um adversário que trouxe aos espectadores memórias de jogos passados. Contudo, o resultado final sabe a frustração para a Briosa, pois o Setúbal só chegou ao empate graças a um erro da defesa academista.

O jogo começa com um lance de perigo da Académica, com Dário a rematar e a obrigar Marco Tábuas a uma defesa difícil. Logo a seguir veio o período de maior domínio do Setúbal, com dois remates a rasarem o poste de Pedro Roma, o último dos quais resultado de um falhanço clamoroso do avançado Rui Miguel.

A partir dos 15 minutos, a Briosa conseguiu equilibrar a partida, passando o jogo a ser disputado a meio campo, com lances perigosos de ambos os lados. Pedro Roma e Marco Tábuas brilharam entre os postes, defendendo tudo o que era possível. No entanto, a partir dos 36 minutos, os lances de maior perigo pertenceram à Briosa, com Dário a falhar escandalosamente uma oferta da defesa do Vitória.

Desilusão

No início do segundo tempo, a Académica entrou "a matar", com André, Binho e Xano a protagonizarem os lances de maior perigo. Aliás, seria este último que, aos 54 minutos, iria estar na origem do momento do jogo: uma jogada individual na direita do ataque academista, em que fugiu a dois defesas e efectuou um esplendoroso chapéu a Marco Tábuas, entrando para a história como o marcador do primeiro golo no "Sérgio Conceição".

Após o golo, o Vitória de Setúbal reagiu, empurrando a defesa da Briosa para o seu reduto, mas todos os lances de perigo eram eficazmente anulados, com os estudantes a partirem de imediato para o contra–ataque, onde André e Xano desenhavam lances de perigo, que Marco Tábuas defendia com dificuldade.

Contudo, no melhor pano cai a nódoa. Aos 81 minutos, um desentendimento entre dois defesas e o guarda–redes Pedro Roma foi aproveitado por Jorginho para marcar o golo do empate. A partir de então, a Briosa tentou inverter a situação, com João Alves a colocar Marcelo e Nuno Miranda nos lugares de Dário e Xano, sem dúvida o melhor em campo. Porém, tudo ficou na mesma. O empate soube a pouco, com a Briosa a ser penalizada pela ineficácia dos jogadores da sua defesa no lance do golo do Setúbal. A arbitragem de Isidoro Rodrigues não comprometeu.

Basquetebol

O pavilhão Engº Jorge Anjinho foi o palco do jogo entre a Académica e o Esgueira. Numa partida a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão/A, a equipa da casa acabou por vencer por 76 - 66.

Um desafio marcado pela exibição de Hugo Loureiro, que a título pessoal facturou 34 pontos e permitiu que os estudantes recuperassem 16, só no terceiro período. De destacar também o contributo de Luís Guilherme a nível defensivo.

A Académica "está em alta". Os triunfos sobre o Diogo Cão e agora frente ao Esgueira lançam a equipa para o primeiro lugar da classificação com cinco vitórias e apenas uma derrota. Apesar desta série de bons resultados, Cassiano Afonso, presidente da Secção de Basquetebol, veio já a público afirmar que a equipa necessita de reforços para se poder afirmar nesta competitiva prova.

Académica B

Após o empate consentido na última jornada em casa frente à Sanjoanense, a Académica volta a desiludir os seus adeptos.

Desta feita a Briosa não evitou a derrota por 3 - 1 no terreno do Feirense. Mesmo sem Nuno Miranda, chamado à formação A por João Alves, os estudantes chegaram ao intervalo já a vencer. Na segunda parte, já reduzida a dez elementos, a Académica desperdiçou, em período de descontos, uma grande penalidade, após a qual surgiu o terceiro golo do Feirense a sentenciar a partida. No entanto, o treinador José Viterbo considera que a sua equipa realizou "um grande jogo".

A Académica segue mesmo acima da linha de água, em 16º lugar na II Divisão B zona centro com nove pontos. No próximo fim de semana os academistas já poderão contar com o apoio do seu público na recepção ao Esmoriz, no estádio Sérgio Conceição.

Voleibol

A boa prestação da Académica na divisão A1 de voleibol confirmou–se esta jornada com mais uma vitória.

Os estudantes estiveram implacáveis ao derrotarem, fora de casa, a equipa do Gueifães por três "sets" sem resposta. Apesar do desiquilíbrio do resultado, a equipa dos técnicos Rui Castro e António Carlos Gomes sentiu algumas difilculdades, acabando por vencer pelos parciais 22-25, 27-29 e 23-25 num jogo bem disputado.

Esta foi a segunda vitória da Académica, que até agora só perdeu com o líder SC Espinho também por 3 - 0. Com três jornadas já disputadas, a equipa de Coimbra ocupa o sexto lugar na classificação mas tem menos um jogo que o primeiro classificado.

A próxima jornada promete ser ainda mais atractiva já que traz a Coimbra a Académica de Espinho, sétima classificada.

BOLA AO AR JOÃO CORTESÃO

Roupa nova

Esta podia perfeitamente ser uma tarde igual a tantas outras... Centenas de carros alinham–se em parques de estacionamento demasiado pequenos, tal como em qualquer outro evento que envolva um número significativo de pessoas. Os acessos são poucos e insuficientes, tal como em qualquer cidade do país. Mas isso não é o mais importante. Os vendedores de castanhas continuam a trabalhar, criando uma neblina de contornos místicos junto à entrada do estádio. As bancas de cachecóis e bonés continuam a chamar a atenção das pessoas que passam, apesar de estarem em passeios novos, ao lado de estradas novas que conduzem a um estádio novo. É a nova casa da Briosa, construída em tempo recorde para que a distância não prejudicasse o rendimento da equipa.

Numa entrada completamente nova fico a saber que não posso entrar no estádio por imperativos de espaço: "a zona destinada à imprensa é nova, mas também é pequena" dizem–me, quando tento levantar a acreditação que permite a entrada neste espaço... novo. Depois de alguns momentos de expectativa, acabo por conseguir entrar num recinto desportivo que, surpresa das surpresas, é igual a tantos outros um pouco por todo o lado.

Pelo que percebi, o jornal A CABRA nunca poderia concorrer com as comi-

> "A Associação Académica de Coimbra tem vindo a perder prestígio"

tivas que também desejavam conhecer este novo espaço ao mesmo tempo que viam um pouco do futebol que, apesar de não ser novo, também marcou presença na tarde fria, carregada de neblina, diluente e fumo de castanhas. Tal como o futebol, A CABRA também já não é nova. Contudo, ainda tem idade para ir à bola, para ver a Académica, jogo após jogo, enquanto nos deixarem...

Nos corredores deste complexo desportivo de três andares, cruzo–me com várias caras conhecidas. É o futebol aliado ao espectáculo, possibilitado apenas pela omnipresença da comunicação social. Televisões, rádios e jornais nacionais passam por mim... Do alto do seu estatuto, olham–me de alto a baixo. Também eles parecem não conhecer A CABRA, a avaliar pelas expressões de gozo que esboçam quando ouvem o nome.

A avaliar pelos acontecimentos que tenho visto nas últimas semanas, a Associação Académica de Coimbra tem vindo a perder prestígio. Mesmo muito prestígio. Pelo que assisti naquele espaço desportivo, a única forma de o recuperar parece ser uma aliança com os media. Não com todos, mas apenas com aqueles que possuem meios para marcar a agenda. Apenas com aqueles que conseguem entrar em todos os espaços, mesmo os que são novos...

Casa cheia na homenagem de Coimbra ao jogador

Sérgio inaugura Conceição

Depois de aprovado pela Liga de Clubes, o novíssimo Estádio Sérgio Conceição foi anteontem inaugurado. Académica e Vitória de Setúbal estrearam o relvado numa tarde de consagração antecipada para o futebolista.

MARCO CARVALHO

A casa encheu para ver Sérgio Conceição "cortar as fitas" do complexo desportivo que, desde domingo, ostenta o seu nome.

Numa sessão solene de inauguração, que contou com a presença do Secretário de Estado da Juventude e do Desporto, Hermínio Loureiro, a Académica não ajudou à festa.

No jogo de estreia do mais novo relvado do país, a equipa dos estudantes obteve apenas um empate a uma bola, frente ao Vitória de Setúbal, num encontro que contou com uma moldura humana de cerca de 8000 pessoas.

A Académica e os clubes da cidade propulsionaram, de certa forma, a edificação do espaço. O novo recinto, construído num tempo recorde de quatro meses, surgiu aos olhos da Câmara Municipal de Coimbra como a solução mais viável para contornar a impossibilidade, imposta pelas obras no Estádio Municipal, dos clubes da cidade poderem jogar em casa.

Composto por uma infra–estrutura *de três pisos (áreas de apoio, camarotes* e espaço destinado à imprensa), o novo estádio custou cerca de 3,5 milhões de euros e tem capacidade para receber 8400 adeptos.

Graças ao acordo celebrado entre a Câmara Municipal de Coimbra e a Briosa, que culminou na compra por parte da autarquia de metade dos bilhetes disponíveis para a partida com o Setúbal (posteriormente distribuídos pelas escolas e pelas entidades desportivas do concelho), muitos foram os que se associaram à homenagem a Sérgio Conceição.

O internacional português, que joga actualmente no Inter de Milão, já mostrou o seu interesse em desenvolver no espaço de que é patrono um projecto ligado à formação desportiva. O novo complexo de Taveiro pretende ser, a partir de 2003, um palco privilegiado para a formação dos jovens conimbricences e a intenção de Conceição é reforçar esse propósito com a implementação de uma escola de futebol para crianças carenciadas.

Sérgio Conceição, recorde–se, nasceu na freguesia de Ribeira de Frades, no seio de uma família humilde. Começou a carreira na Académica, jogou no Felgueiras antes de rumar às Antas, onde se tornou num dos melhores e mais prestigiados jogadores portugueses.

FRANCISCA MOREIRA



Inaugurada a nova casa da Briosa

Voleibol entra a ganhar na A1

O início no topo

Após mais de duas décadas, a equipa masculina de voleibol volta ao escalão máximo com objectivos modestos.

VÍTOR AIRES
SUZANA MARTO

Após uma excelente época na A2, a equipa sénior masculina da Associação Académica de Coimbra iniciou o seu trajecto na divisão cimeira do voleibol nacional.

O plantel, que beneficiou do alargamento da A1 esta época, mantém–se quase inalterado em relação à temporada anterior. À manutenção dos "bastante assediados" internacionais portugueses André Lopes e João Malveiro, juntou–se a vinda do primeiro atleta profissional na história do clube, o brasileiro Silfaney Assis. Esta transferência foi conseguida com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra, que garantiu a verba necessária para a contratação.

A época começou com uma promissora, embora suada, vitória contra o Benfica por 3-2, num encontro com uma assistência invulgar, que os responsáveis gostariam de ver repetida em todos os jogos caseiros. No penúltimo fim–de–semana, em casa de um dos principais candidatos ao título, o Sp. de Espinho, o resultado saldou–se por uma derrota pelo parcial máximo, 3-0.

Um início considerado normal por Daniel Costa, presidente da Secção de Voleibol, que se mostra satisfeito com a atitude do plantel, que conta apenas com um profissional remunerado, uma vez que "os restantes atletas não auferem qualquer salário". Uma desvantagem que, segundo ele, não se reflecte, "em termos de empenho e dedicação dos atletas, não há qualquer diferença", face a equipas com maiores orçamentos e mais estrangeiros.

"O nosso objectivo para esta época é a manutenção", garante Daniel Costa, como reflexo da contenção financeira defendida pela secção. Nem a tão falada contratação de Ubirajara Pereira, capitão da Selecção Nacional, tem o condão de alterar o seu discurso. A direcção, que confirma o interesse, revela que "só um patrocínio assegurado" poderá possibilitar a contratação do atleta, estudante da Universidade de Coimbra, embora declare que os contactos já feitos foram "animadores".

Camadas jovens vivem dias difíceis

Os treinos já foram retomados. Depois dos problemas salariais com a equipa sénior, é a vez do futebol juvenil academista se encontrar ameaçado pela falta de verbas.

PEDRO RAMOS

Apesar de, até à última sexta–feira, os salários ainda não terem sido pagos pela direcção da Associação Académica de Coimbra - Organismo Autónomo de Futebol (AAC/OAF), os treinadores das camadas jovens da Académica regressaram ao trabalho, após uma interrupção de dois dias na semana passada.

Os treinadores das camadas de formação reivindicam o pagamento de seis meses de salários em atraso, três dos quais ainda referentes à época de 2001/2002. Além deste problema, também foi destacada a necessidade de uma melhoria das condições em que se realizam os treinos.

A suspensão da actividade durante as passadas segunda e terça–feira não obteve qualquer resultado prático, a não ser a convocação de uma reunião de emergência na qual foi anunciada aos treinadores a impossibilidade de resolver de imediato os problemas que ainda se fazem sentir.

Segundo Tó Zé, coordenador do futebol juvenil, a retoma dos treinos "não se ficou a dever a um apelo da direcção, mas sim ao academismo dos treinadores".

Depois dos recentes problemas com os vencimentos da formação principal, que ainda não estão totalmente resolvidos, agora são as camadas jovens a atravessar graves dificuldades no que concerne ao pagamento dos salários.

De acordo com José Ferraz, vice–presidente para o futebol juvenil da AAC/OAF, o pagamento dos ordenados ocorrerá de forma "tão imediata quanto possível" não existindo, no entanto, "um dia definido para o mesmo ocorrer".

A resolução desta situação depende da entrada nos cofres do clube da verba referente à transferência do jogador Luís Filipe para o Atlético de Madrid. As burocracias referentes a este processo têm adiado o desbloqueamento da verba que diz respeito ao passe do atleta. Trata–se de uma quantia que ascende a cerca de 200 mil euros (40 mil contos). "Assim que esta verba chegar, haverá dinheiro para pagar aos treinadores", adianta ainda o dirigente academista.

O desbloqueamento deste valor será o "oásis" para a resolução da crise financeira em que está mergulhado o clube nos mais diversos escalões. Contudo, a situação da equipa sénior de futebol pode relegar para um segundo plano as camadas de formação, apesar do ideal ser uma repartição equitativa das verbas. "O dinheiro deveria chegar para todos; a componente de formação é muito importante e é nela que o clube deve apostar", alerta José Ferraz em jeito de conclusão.

Carlos Barretto Trio ao vivo no TAGV

Jazz "made in Portugal"

Coimbra recebe "Radio Song", a nova aposta do trio de jazz liderado por Carlos Barretto. Para a apresentação do álbum, lançado em Maio, o músico tem preparadas algumas surpresas e muita espontaneidade.

VITOR RODRIGUES E OLIVEIRA
PAULO NUNO VICENTE



"Tocamos quase por telepatia" afirma Carlos Barreto, à esquerda na imagem

O trio português de jazz, encabeçado pelo contrabaixista Carlos Barretto, estará de visita a Coimbra, no próximo dia 21 de Novembro, para um concerto no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). O espectáculo será baseado na mais recente proposta musical da banda - "Radio Song".

Este álbum reúne três dos mais prestigiados músicos de jazz nacionais, Carlos Barretto (contrabaixo), Mário Delgado (guitarra eléctrica) e José Salgueiro (bateria e percussões), contando ainda com a participação especial do clarinetista francês Louis Sclavis. "Radio Song", o terceiro registo discográfico do grupo, marca a passagem de uma sonoridade afro–americana para as novas tendências europeias. Para trás ficam "Suite da Terra" e "Silêncios", muito aclamados pela crítica especializada.

Para o concerto, além da apresentação dos temas do disco, o trio traz algumas surpresas na manga. Segundo o contrabaixista, não faltará espontaneidade ao espectáculo: "Cada vez mais improvisamos sem rede".

Na segunda parte, Carlos Barretto voltará ao palco, mas desta vez acompanhado pela bailarina Amélia Bentes. Juntos apresentarão "Live". O projecto nasceu há dois anos e tem sido, segundo o músico, uma experiência muito enriquecedora. "Eu improviso com o contrabaixo e a Amélia improvisa com o corpo. Reajo conforme os movimentos que observo e vice–versa. É a improvisação total".

Carlos Barretto desperta para a música muito cedo. Aos seis anos, dá os primeiros toques na guitarra clássica, mas é em 1972, com 15 anos, que decide enveredar por uma carreira profissional. Depois de passar pela classe de contrabaixo do Conservatório Nacional de Música de Lisboa e pelo Hot Club de Portugal, o músico ruma até França, desencantado com o seu país. O contrabaixista recorda que "estávamos numa situação social, económica e cultural muito má". Em 1993, regressa para dar "um humilde contributo ao jazz nacional".

Actualmente, acredita que o panorama do jazz em Portugal melhorou, mas lamenta que se continue a dar "muita primazia aos grupos estrangeiros". Critica ainda os governantes que "pensam que o jazz não tem nada a ver com a nossa cultura". Para Carlos Barretto, "o jazz é um património de toda a humanidade".

Quanto a influências, afirma que "um artista tem de ser receptivo e ouvir tudo o que se passa à sua volta". Com 45 anos, o contrabaixista português assume–se como um "apaixonado da música". Dedica, em média, oito horas diárias ao jazz e admite que continuará a trabalhar "como um eterno estudante".

O próximo trabalho do trio ainda não tem nome escolhido, mas encontra–se já em preparação. Antes disso, Carlos Barretto apresentará a sua nova proposta individual - "Solo Pictórico".

Primeira antologia crítica de poesia nacional

"Século de Ouro"

Uma obra única presta homenagem aos grandes poetas portugueses do século XX. Fernando Pessoa, Ruy Belo e Jorge de Sena são apenas alguns dos autores contemplados.

SOFIA CARVALHO
JOÃO VASCO

No passado dia 15 de Novembro foi lançado, na Biblioteca Joanina, o livro "Século de Ouro - Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX". A obra, apoiada pela Coimbra Capital Nacional da Cultura e co–editada pela Angelus Novus e pela Cotovia, é da responsabilidade de Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra. A escolha e o comentário crítico dos poemas ficou a cargo de um grupo de 73 ensaístas, que se debruçam sobre um total de 47 autores.

Durante a sessão de lançamento da antologia decorreu a primeira de uma série de seis mesas–redondas sobre a obra. As restantes cinco encontram–se agendadas apenas para 2003. Marcaram presença o poeta e crítico Gastão Cruz e os ensaístas José Carlos Seabra Pereira e Vítor Manuel Aguiar e Silva.

Antes do debate, Pedro Serra salientou que "esta antologia é crítica não só no sentido de ser uma antologia feita por críticos, mas sim porque é uma antologia que questiona os fundamentos do género antológico".

A responsabilidade da escolha dos autores recaiu sobre os ensaístas, o que explica a ausência de nomes como Miguel Torga e Natália Correia, em favor de outros pouco conhecidos como Carlos Queiroz ou Reinaldo Ferreira. Contudo, os principais poetas do século passado estão representados com um ou mais poemas. Camilo Pessanha, Carlos de Oliveira e Herberto Hélder contam com três poemas cada um e Jorge de Sena e Ruy Belo têm quatro textos inscritos no livro. Mas o grande destaque vai, sem dúvida, para Fernando Pessoa, de cuja obra foram seleccionados nove poemas.

Comentando o título da obra, o organizador frisou que "Século de Ouro" não parte "da posição confiante de quem vem depois do fim da história em causa. Decorre antes da constatação que o século XX terminou há pouco, mas, para certos efeitos, está agora a começar". Assim, esta antologia não tem como objectivo principal reunir o melhor da poesia do século XX, mas levar as pessoas a reflectir sobre os poemas através dos ensaios críticos, o grande elemento inovador da obra.

A selecção dos autores resultou de um processo moroso, repartido em três fases. Numa primeira etapa, os organizadores pediram aos críticos para seleccionarem e votarem em três poemas portugueses. Posteriormente, a organização analisou as escolhas de modo a evitar uma concentração excessiva de autores. Na etapa final, foi atribuído a cada ensaísta apenas um dos poemas que tinha escolhido, a partir do qual elaboraria um comentário crítico, que podia incidir sobre o poema, livro ou obra completa do autor. Um programa informático foi utilizado para garantir a ordenação aleatória dos textos.

O livro será hoje lançado no Porto, às 18h00, na FNAC de Santa Catarina.

Festival "The Isolation Chamber"

Noites góticas em Coimbra


D.R.

Nya e os seus Love Lies Eternal, são uma das presenças confirmadas

Seis bandas de relevo da cena gótica nacional actuam na cidade. O espectáculo promete fazer as delícias dos amantes deste género musical.

SANDRA DIAS
JOÃO PEDRO MARQUES

O festival "The Isolation Chamber", organizado pelos responsáveis dos programas "1978" e "Santos da Casa", da *Rádio Universidade de Coimbra*, terá lugar no café–concerto Le Son, na Pedrulha, nos dias 22 e 23.

O festival gótico inicia–se na sexta–feira, com a actuação dos Love Lies Eternal, dos Gondolin, e dos Aenima. No sábado, o "Isolation Chamber" será marcado pelo som dos grupos Icone, Secrecy e Phantom Vision.

Os Aenima são os cabeças de cartaz da primeira noite. "Revolutions", o primeiro álbum da banda, lançado em 1999, recolheu muitas críticas favoráveis por parte da imprensa. Um dos temas foi mesmo escolhido para integrar uma colectânea da prestigiada editora americana Cleopatra. O novo milénio trouxe aos Aenima significativas mudanças na formação e problemas com a editora com quem tinham contrato para mais um álbum. Ainda assim, fizeram–se à estrada, e dos vários concertos que deram destaca–se a prestação do grupo no festival "M'era Luna", na Alemanha. Este ano foi lançado um EP com seis faixas e a aposta agora vai no sentido de fazer chegar o som da banda ao maior número possível de pessoas.

No segundo dia, o grande destaque vai para os Phantom Vision, que irão encerrar esta primeira edição do "Isolation Chamber". A banda já abriu um concerto dos Sisters of Mercy, já assinou (e rescindiu) pela prestigiada Nightbreed Recordings e foi, também, elogiada pela imprensa internacional especializada. Numa altura em que se espera pelo lançamento do próximo álbum do grupo, que se chamará "Traces of solitude", este é um dos concertos mais esperados do festival.

Para Gonçalo Vasco, um dos organizadores do festival, o cartaz é uma aposta nas bandas nacionais que fazem rock gótico e uma "boa oportunidade para dar a conhecer o valor dessas bandas: metade dos grupos que vão subir ao palco têm contratos internacionais e clubes de fãs no estrangeiro". O locutor do "1978" destaca ainda o valor de iniciativas como esta num momento em que "se assiste a uma extinção dos meios alternativos como o Buraco Negro ou a States".

As noites serão ainda animadas por DJ's RUC e pelo DJ Stigmata (ex–Lado Negro do Rio).

As origens do gótico

O movimento gótico remonta aos subúrbios lúgubres e depressivos do Reino Unido dos finais da década de 70 e início da de 80. Apesar do legado cultural gótico deixado pela arquitectura e pela pintura dos finais do século XII, e pela literatura de ambiências medievais do século XVIII, é a música, germinada por esse Reino Unido de há cerca de 20 anos, a grande impulsionadora do movimento.

Nos finais da década de 70, Ian Curtis, o vocalista suicida dos Joy Divison, é o primeiro a dar voz à atmosfera depressiva e melancólica do pós–punk. Entretanto, Siouxsie, a diva louca, utiliza o termo gótico para designar a sua música, ao passo que em Crowley, Inglaterra, os carismáticos The Cure, celebram musicalmente, os referentes obscuros da vida.

A consolidação do gótico como género musical é assumida pela sonoridade mítica dos Bauhaus, e um pouco mais tarde pelos Sister of Mercy. Nos finais da década de 80, o movimento contra–cultural gótico, caracterizado pelo inconformismo face às instituições dominantes e pelo estilo fúnebre e vampiresco dos seus aficcionados, entra em decadência. Ainda assim, várias bandas continuam a escrever a história de um dos movimentos com maiores repercussões sociológicas de sempre.

O tribunal dos pecados

"À barca, à barca, boa gente"

O Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) abre o pano a uma sátira social feroz da autoria de um dos grandes nomes do teatro português.

SORAIA LETRA

Nos próximos dias 19 e 20 de Novembro, o palco do TAGV acolhe a peça "O Auto da Barca do Inferno", de Gil Vicente. Trata–se de uma co–produção do ENTREtanto TEATRO e do Trigo Limpo–Teatro Acert, cuja adaptação e encenação estão a cargo de Pompeu José.

O Auto da Barca do Inferno data de 1517 e é a primeira peça que compõe a famosa Trilogia das Barcas (Paraíso, Purgatório e Inferno). Nesta sátira, a caracterização cómica das personagens permeia o burlesco, tratando de forma contundente a miséria humana, as prevaricações, o suborno, a corrupção e as glórias prometidas por Deus na vida eterna.

Em conversa com A CABRA, Junior Sampaio, director artístico do ENTREtanto TEATRO e actor deste espectáculo, diz entender este auto como "uma peça rica, onde se evocam alguns dos tipos sociais da época. Há uma acentuação dos traços típicos da tipologia quinhentista em que três actores encarnam as personagens, num cenário que se transcodifica. Recria–se uma luta entre o humano e o divino".

Na adaptação da peça, o texto original foi respeitado quase na íntegra, tendo sido feitas "pequenas alterações na ordem da cena", explica Junior Sampaio.

O "Auto das Barcas que fez Gil Vicente per sua mão, corregido e empremido per seu mandado" é uma obra ligeira e bem humorada, onde não faltam a lapidação de personagens e a crítica social, factores que lhe atribuem uma constante actualidade.

Uma mensagem interventiva

"Xmas qd kiseres"

"O Natal é quando um homem quiser". É esta a máxima que norteia o novo espetáculo d' O Teatrão.

CRISTINA BASTOS
JONAS BATISTA

Com a peça "Xmas qd kiseres" (lê–se Christmas quando quiseres) , no palco do cine–teatro São Teotónio de 22 de Novembro a 8 de Dezembro, O Teatrão ruma a um novo desafio: conquistar um público adolescente.

Isabel Craveiro, directora de produção do espetáculo, acredita que "é preciso falar com este público" e, para tal, há que "o conhecer para o poder sensibilizar". Contudo, esta não é uma iniciativa unicamente orientada para adolescentes, até porque procura "pôr em contacto directo diferentes gerações". A peça insere–se num projecto mais amplo que inclui a concretização paralela de um ciclo de debates sob o lema "Escuta, eu falo da Educação".

Para a responsável pela produção, o projecto responde à necessidade de debater questões actuais, uma vez que "é importante que as pessoas tenham uma visão crítica sobre o mundo que as rodeia".

"Será que a nossa sociedade está a tentar seguir a sua estrela? Será que a escola nos ajuda a encontrá–la?". São interrogações como estas que, segundo Isabel Craveiro, o espectáculo deixa no ar. Desta forma, "Xmas qd kiseres" pretende apelar à tolerância dos homens e à perseverança necessária para atingir um mundo mais digno.

A escola, enquanto microcosmos da sociedade, surge então como o cenário onde se questionam os valores intrínsecos às relações humanas. No entanto, Isabel Craveiro sublinha que o interesse desta peça "não está em dar respostas ou moralismos", mas sim em "transmistir a nossa inquietação".



"A treta continua" pelos olhos dos protagonistas

"Estamos numa de reinventar"

A nova peça de José Pedro Gomes e António Feio, que recria as conhecidas personagens Toni e Zézé, foi o mote de uma conversa entre os dois actores e A CABRA.

LEILA CAMPOS
SÓNIA NUNES
CARINA VALÉRIO

O Teatro Académico de Gil Vicente recebeu no passado dia 14 de Novembro a peça "A treta continua". Em entrevista ao Jornal Universitário de Coimbra, os protagonistas falam das suas personagens e tecem duras críticas à programação cultural da Lusa Atenas.

Como é que se desenvolveu a caracterização destes dois cromos?

José Pedro Gomes- Foi só reunir determinadas características do português profundo. Convivemos todos os dias com pessoas destas. Temos muitos Tonis e Zézés e muitas Toninhas e Zézezas em todas as classes socias. Nós próprios somos às vezes Tonis e Zézés, não é? (risos)

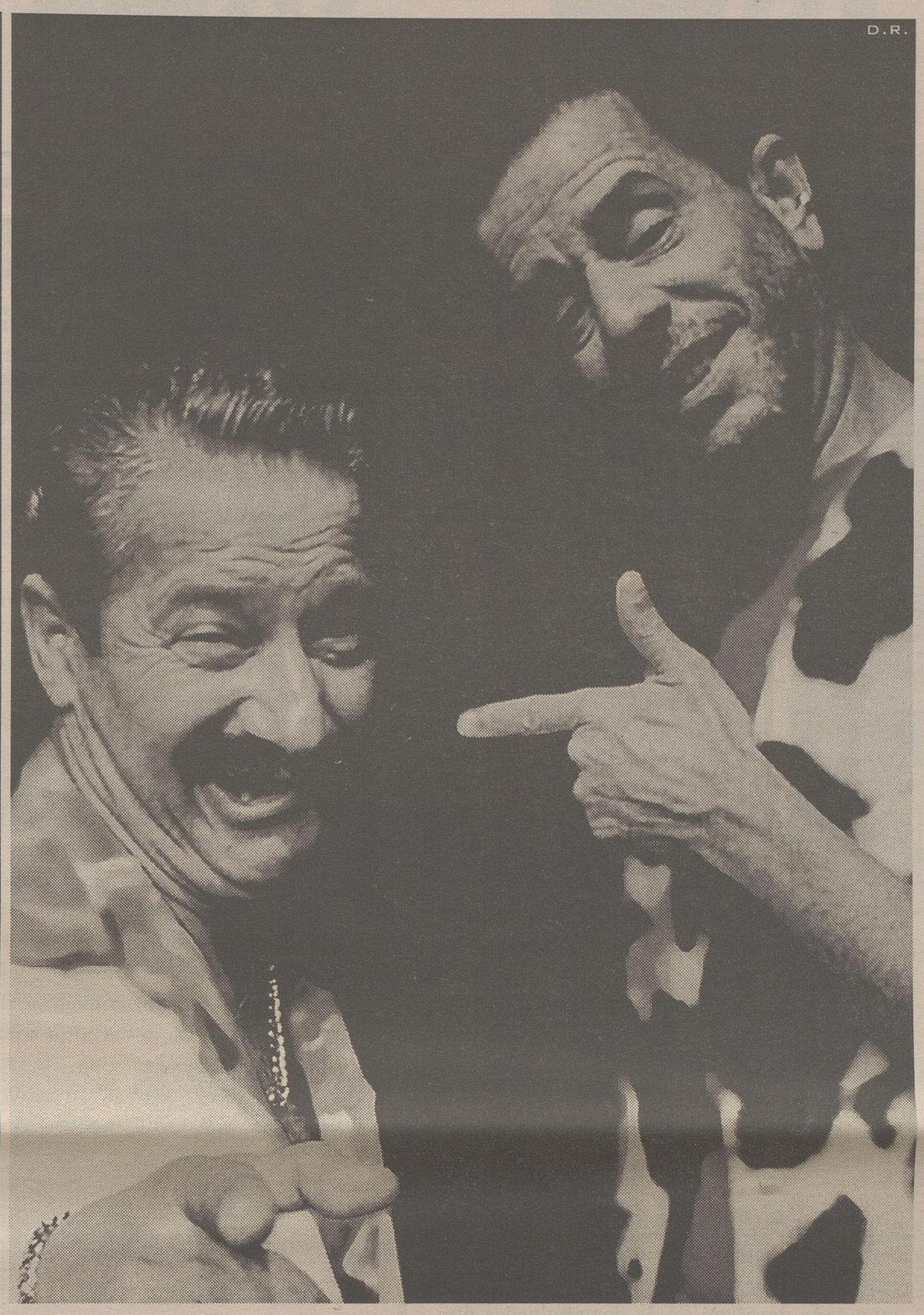
Como é que o António vê o Toni e o José o Zézé?

António Feio- O Toni é o mais ingénuo e o mais facilmente aldrabado. Acaba por ver no Zézé uma espécie de líder espiritual (risos). É uma personagem mais freak, mais hippie, ainda muito agarrada aos anos 60. O Zézé é mais pragamático, ninguém o come, pelo contrário, é ele que controla os que o rodeiam.

J.P.G.- Mas o Zézé espalha-se muito mais. Tem a mania que é mais esperto e lixa-se. A ignorância do Toni é mais sincera, enquanto que a do Zézé é muito mais elaborada: já implica uma teoria (risos).

Não são duas personagens que estagnaram?

A.F.- Fomos confrontados por não termos os tiques básicos que utilizávamos no programa de televisão: os "know wara I means" ou os "olha lás". Quando arrancámos para o ensaio da nova treta, não fizemos nenhuma questão de manter essas características. No novo espectáculo fomos inventando coisas que não estavam escritas e começámos a "reinar" um com o outro. Não estamos a tentar fixar os "ouve lás", mas quando os utilizamos sentimos que as pessoas estão à espera disso. Agora estamos numa de reinventar.


D.R.

"Também queremos dizer coisas que não tenham graça."

Notamos, assim, uma evolução da "Conversa da Treta" para "A Treta Continua".

A.F. - É um texto novo, falamos de outras coisas: da globalização, do 11 de Setembro, do Iraque, dos descobrimentos, da internet. Também indicamos sítios bons para levar a criançada, como o jardim "geológico", o "peixanário", o "choking center"...

Como é que dois cromos, duas cadeiras e meia dúzia de cigarros conseguem lotações esgotadas?

A.F.- Acho que as pessoas vêm para nos ver fumar. Só pode ser isso (risos).

J.P.G.- Toda a gente sente que já ouviu ou teve conversas destas na mesa do café. Quando não se assumem como cromos conhecem-nos. Pensamos que as pessoas se divertem com os traços caricaturais dos temas e das opinões que são expressas pelo Toni e pelo Zézé. Para nós é um exercício saudável enquanto humoristas.

E há muita crítica nas entrelinhas dos textos...

A.F.- Daí o sucesso desta forma de teatro. As pessoas sentem que não estamos só a espetar o rabo para termos mais graça.

J.P.G.- Há certas coisas que não abdicamos de dizer, quer se riam ou não. Também queremos dizer coisas que não tenham graça.

Terá sido a amizade a chave para o sucesso da peça?

J.P.G.- Se não fôssemos amigos já não nos aguentávamos (risos).

A.F.- Trabalhamos há mais de dez anos. Conhecemo-nos muito bem e para além disso temos o mesmo tipo de opinião sobre as coisas: na relação com o público e no tipo de teatro que queremos fazer. A base é o trabalho e o respeito, com a vantagem de não termos sexo (risos).

J.P.G.- Normalmente sobrevive-se um bocado à base de sexo. No nosso caso não sei se ajudaria (risos).

Actores levantam polémica

José Pedro Gomes e António Feio mostraram o seu desagrado face à programação do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV): "há cinco anos que tentamos vir a Coimbra. Continua a haver umas pessoas que decidem o que se pode ver na cidade. Supostamente não tínhamos qualidade". Os actores criticaram ainda a organização da Coimbra Capital Nacional da Cultura, denunciando que é "uma treta porque não foi programada para o grande público. As pessoas são pindéricas ao acharem que a única cultura é a da elite".

Confrontado com estas declarações, João Maria André, director do TAGV, defende que, pelo menos durante a sua direcção, nunca foi dito que o espectáculo não tinha qualidade. O director argumenta ainda que a falta de verbas do TAGV impossibilita a realização de todos os espectáculos que lhe são propostos.

A METAMORFOSE
GUSTAVO SAMPAIO

A cidadania

"Uma outra Europa é possível, contra o neoliberalismo, a guerra e o racismo". O lema do Fórum Social Europeu que decorreu recentemente na belíssima cidade de Florença, com a participação de centenas de milhares de pessoas, denomina um foco europeu de mobilização civil. Esta iniciativa insere-se no conjunto de fóruns continentais organizados a partir do Fórum Mundial de Porto Alegre, no sentido de estruturar o movimento a nível regional com redes de acção sobre temas comuns. Um passo decisivo para a formação de uma Rede Social Mundial.

O corporativismo multinacional, principal impulsionador do processo de globalização mundial, adquiriu no nosso tempo uma preponderância essencial na vida económica, social e política dos estados. O poder político reforçou consideravelmente os poderes das grandes emprèsas que influenciam cada vez mais os centros de decisão, em detrimento da democracia. Paradoxalmente, continuam a depender do apoio estatal para a sua viabilidade económica, no que constitui uma relação de reciprocidade de interesses.

A conjuntura apresentada designa-se por neoliberalismo, conceito definido incisivamente por Noam Chomsky como uma "transferência do poder dos cidadãos para as entidades privadas". Sob o espectro de uma nova forma de regime totalitário, insidiosamente legitimado, o neoliberalismo avança com os instrumentos que caracterizaram o autoritarismo tirânico do século XX nas suas principais formas de expressão: o fascismo e o bolchevismo. A propaganda de regime e a opressão ao associativismo continuam a servir como meios de garantia de permanência no poder. As ideias perigosas, contra a corrente do sistema, sofrem um abafamento que as torna obsoletas, em prol de uma filosofia conformista que modeliza o pensamento e universaliza culturas, hábitos e convicções. Por isso se assiste a uma grave crise de valores na sociedade actual, onde a solidariedade, a tolerância, o pacifismo ou a defesa dos direitos humanos parecem amorfos perante um desinteresse geral.

«O que nos resta é a capacidade de iniciativa»

Em contraposição, surge este movimento social que possui apenas uma forma de expressão: a cidadania. O que nos resta é a capacidade de iniciativa, de reunir esforços em torno de uma causa e de lutar através das nossas ideias e opiniões formadas por mais que o sistema nos tente calar.

A introdução da taxa Tobin, imposto mínimo sobre as transacções financeiras canalizado para a erradicação da pobreza no mundo, a adopção de um modelo de desenvolvimento sustentável em harmonia com a natureza, de forma a proteger o equilíbrio ambiental e os recursos energéticos do planeta, e o perdão da dívida externa dos países mais pobres, atenuando a sua miséria, são apenas algumas das principais directrizes deste movimento que se pretende pacifista. "Um outro mundo é possível", argumentam os manifestantes.

Artes Feitas

Ouve-se

O luminoso horizonte da geleia de limão

RUI CANIÇO

E se subitamente se retrocedesse no tempo e o comum ouvinte pudesse inverter a ampulheta da vida para reciclar memórias felizes da sua infância? E se uma simples melodia pop suscitasse emoções tão primárias quanto as cores do arco-íris? E se os computadores afinal pudessem sonhar com sentimentos? Para quem já havia experimentado as fantasias imaculadas de Lemonjelly.ky (que reunia os três primeiros Ep's de edição limitada do projecto londrino: "The Bath," "The Yellow" e "The Midnight") estas interrogações não soam estranhas.

Dois anos depois, Nick Franglen (outrora técnico de televisão e teclista pontual de bandas como os Pulp ou Primal Scream) e Fred Deakin (em tempos designer gráfico da revista "The Face") regressam com novo disco embalado em cartão colorido e com imagens que contrastam um pretenso cinzentismo de uma qualquer cidade e a paleta paradisíaca de uma baía com farol. Ou, igualmente, a iluminação urbana nocturna e as ténues estrelas de um campo em trevas.

Lemon Jelly

Lost horizons

2002, XL Recordings, MVM



Os temas nascem de pequenas partículas ("samples" de fragmentos melódicos, "nursery rhymes", registos de experiências científicas, gravações de viagens no espaço ou histórias de movimentos de homens errantes) que se desenvolvem posteriormente através de pequenas subtilezas dispostas sucessivamente - e quase de forma naïf - em camadas. As referências rítmicas permanecem no universo do hip-hop e dub arriscando também pelos territórios do jazz (ouça-se o regresso à homenagem do mundo perdido da Patagónia, já gesticulado no "Yellow Ep").

Um charmoso requinte de humor perpassa pelo optimismo ingénuo dos semi-instrumentais que buscam motivações em orquestrações luxuosas, na folk americana, nas latinidades, nos coros russos, no jazz ou até mesmo na própria pop. O recurso ao pulsar do baixo, ao chilrear das flautas, ao choro das harmónicas, à suavidade do piano ou às deambulações dos trompetes e saxofone realçam a depuração acústica de "Lost horizons".

Um disco terno e irónico que irradia uma crepuscular felicidade.

Polaroids de paisagens sem nome

HUGO FERREIRA

Não é muito vulgar conseguir logo ao segundo disco de originais espantar o mundo, ser convidado para abrir concertos para os Radiohead e Godspeed You Black Emperor e ser capa da conceituadíssima revista "Wire". Mais raro é não se deixar influenciar por isso.

Os Sigur Rós continuam iguais a si mesmos. Ao terceiro disco resolvem fazer aquilo que sempre quiseram... a música pela música, a linguagem universal que não precisa sequer de palavras que a designem.

O disco não tem nome, as faixas são quando muito conhecidas pelo número que lhes é indexado pelo leitor e a música vale por ela mesma.

Há já muito deixámos de tentar compreender as palavras cantadas que pertencem a um dialecto próprio criado pela banda, só nos resta a harmonia. Assistimos a um processo de paz interior e transe enquanto nos deixamos levar por uma odisseia em dois actos (com direito a um interregno de trinta segundos). No primeiro abundam as teclas angelicais e no segundo as guitarras sofridas, porém o resultado consegue apresentar-se extremamente coeso e é difícil ouvir um tema em avulso.

Se os Madredeus se formaram para cantar a paisagem portuguesa, também os Sigur Rós apresentam o mesmo intuito em relação à islandesa, que tem tanto de mágica como de inexplorada.

Um país com pinheiros pequenos e muito gelo (que nunca quis ter um exército) vive dos recursos naturais e tenta maximizar os humanos nas suas mais variadas vertentes culturais.

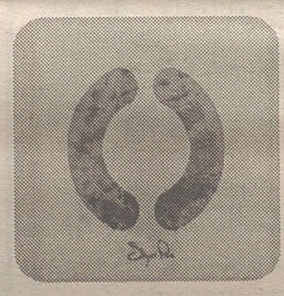
Os Sigur Rós aproximam-se da figura de profetas antropológicos que há jámuito deixaram de ser alquimistas e alcançaram o nirvana como quem atravessou a puberdade.

A celebração está aí... à mão de semear

Sigur Rós

( )

Fat Cat Records, 2002



Em_Linha

Emuladores

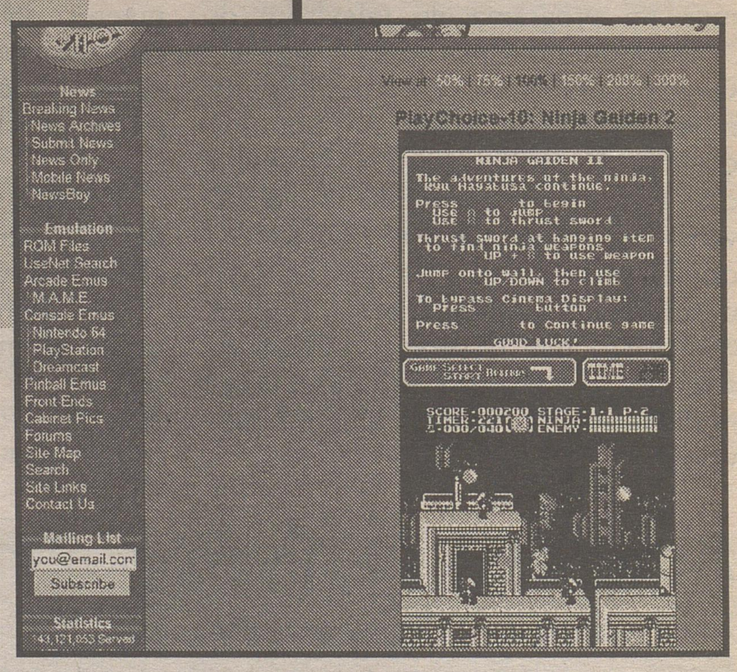
NUNO CURADO NCURADO@IPN.PT

Quem não se lembra de passar alguns furos ou horas livres nos salões de jogos? E do velho ZX Spectrum? Da evolução para os computadores Atari ou Commodore? É possível através dos emuladores ter tudo isto e muito mais no computador pessoal que se tem em casa.

A simulação por software dos circuitos integrados e dos micro chips usados num sistema é possível. Isto aplica-se a quaisquer sistemas de jogos ou a computadores. É possível simular qualquer sistema com um circuito ou micro chip, desde que se tenha a informação de como estes funcionam. A maior parte dos emuladores é escrita em C e em Assembly, que são das linguagens mais rápidas existentes no mundo da informática. Estes aparecem na forma já compilada e só correm em determinados sistemas operativos. Existem outros emuladores feitos para correr através da Internet. Todos demoram bastante tempo a serem desenvolvidos, devido à complexidade envolvida. A equipa de desenvolvimento tem de examinar todo o material técnico disponível acerca do sistema a emular e muitas vezes tem de avançar apenas através de exaustivos testes ao hardware, pois os fabricantes nem sempre disponibilizam todas as especificações dos sistemas por eles desenvolvidos.

Depois de se obter o emulador é necessário obter também as ROM (Read Only Memory) necessárias para correr os jogos ou aplicações. Quando se fala de ROM para emuladores, está-se a usar o termo apenas para designar cópias em formato especial dos cartuchos, cassetes ou media utilizados no sistema a emular. O uso das ROM implica que o que se veria no sistema original será o mesmo que se vê no emulador. O mesmo acontece com o som. Mesmo a maneira de utilizar o software é igual, desde que se tenha maneira de emular o joystick ou teclado. O uso das ROM nos emuladores só é permitido a quem possua o media original. Claro que em relação aos sistemas mais antigos já não há grande protecção, e são fáceis de encontrar na Internet.

Os emuladores não se resumem às máquinas Arcade, Spectrum, Atari ou a outros sistemas antigos. Devido ao avançar das capacidades dos computadores pessoais, é possível agora emular a Playstation, a Gameboy, a GameBoy Advanced. Estes sistemas são recentes, o que torna ilegal possuir cópias das memórias sem possuir o jogo original.



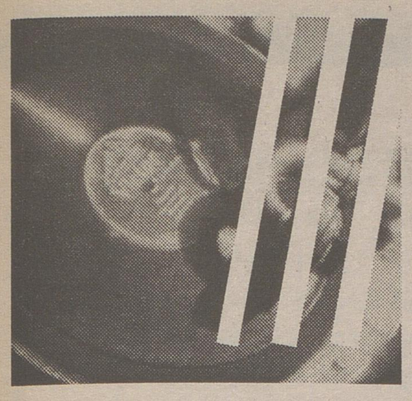
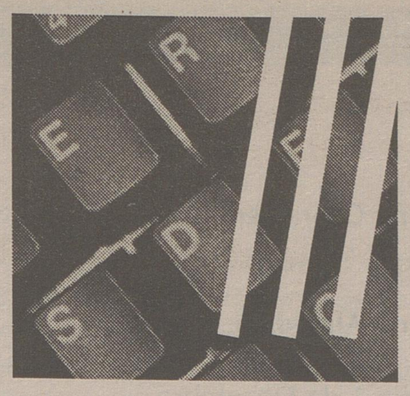
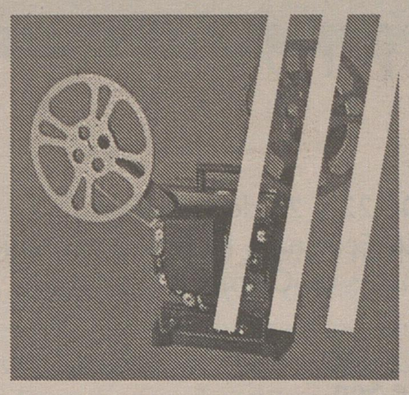
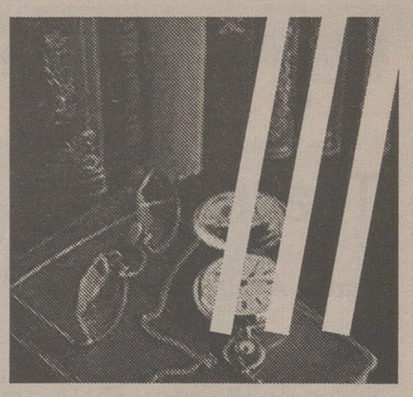
http://www.void.jump.org/emulators.html
É apenas e exclusivamente dedicado ao computador ZX Spectrum e aos seus descendentes.

http://www.emulators.com
Para quem gosta de Macintosh e dos Atari

http://bloodlust.zophar.net/Callus/callus.html
Página dedicada ao Callus, mais um emulador das máquinas Arcade.

http://dmoz.org/Computers/Emulators/
Página com listas de sites dedicados a emular vários sistemas que vão desde máquinas de calcular até às máquinas de arcade.

http://www.arcadeathome.com
Aqui consegue-se obter cópias de emuladores de todos os tipos, entre os quais o MAME, o emulador mais conhecido, e um dos mais antigos, das máquinas de Arcade.

Vê-se

"Spider", de David Cronenberg

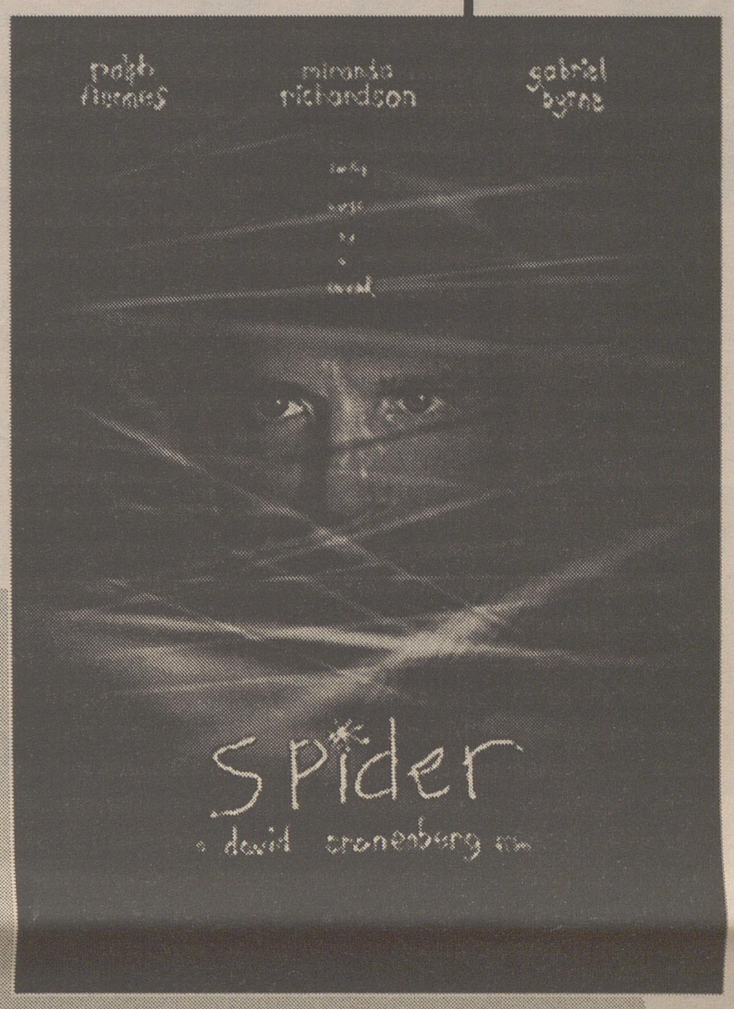
GUSTAVO SAMPAIO

Um homem profundamente solitário regressa de comboio a Londres, cidade que abandonara em criança. Rosto obscuro, gestos contidos, imerso na sua própria mudez, caminha de forma hesitante pelo terminal deserto de pessoas sempre apressadas, em contraste com o seu tempo lento e suspenso. Percorre os caminhos da sua infância por uma cidade ensombrada pelo "spleen" invernoso e melancólico que parece cobrir os seus pensamentos, como se aquelas imagens constituíssem uma reprodução da forma como percepciona o mundo. Deste modo entramos na mente de Spider (Ralph Fiennes), a personagem central da narrativa.

Encaro a figura de Spider como uma analogia literária de Gregor Samsa, o homem que se transforma em barata no célebre texto de Franz Kafka - "A Metamorfose". Não só pelo carácter obsessivo e a permanente alienação do real, mergulhando nas profundezas do subconsciente humano, mas sobretudo pela constante simbiose estrutural entre a memória e a identidade. A forma como a memória constrói a identidade e a vai alterando ao longo da existência, da mesma forma que ela mesma se vai transformando em contínuo processo de metamorfose. E a nossa pueril ilusão de imutabilidade dissipa–se a cada manhã, ao demorarmos alguns momentos a reconstituir a nossa existência. Spider reconstitui gradualmente o tempo da sua infância enquanto explora os lugares onde viveu, sempre com a ajuda de um caderno onde anota todas as recordações, na desesperada procura de um equilíbrio emocional, fruto de um confrangedor complexo de Édipo nunca superado. E através de memórias difusas configura uma realidade paralela que anula o presente.

O tempo e o espaço de Spider perfilam–se em fragmentos de um vidro quebrado. Preso na sua própria teia de sentimentos, contidos e ressentidos ao longo da vida, tenta expiar o mal que o consome interiormente - a culpa. Uma teia de segurança, que o protege do resto do mundo, mas ao mesmo tempo uma armadilha mortífera. Somos convidados a sentir compaixão perante a solidão daquele homem, amargurado com a tragédia da morte da mãe (Miranda Richardson) e com a ausência do pai (Gabriel Byrne), mas acabamos por embater na realidade, tal como ele, quando finalmente a sua teia é desfeita pela descoberta do posicionamento da última peça do "puzzle" mental.

O universo que David Cronenberg recria no filme, adaptação a partir de um romance de Patrick McGrath, contém elementos comparáveis a cenários criados pelo dramaturgo Samuel Beckett nas suas peças. Sob o veludo sonoro de Howard Shore, caminhamos pela mente de um homem perturbado que acaba por se reencontrar. Um reencontro com a culpa que o leva de volta ao tempo presente, tão ou mais deprimente do que o passado.



Lê-se

Efeitos Secundários
Woody Allen
Bertrand Editora, 1989, 5ª ed.

ANDREIA FERREIRA

A aniversariar sessenta e sete anos, a 1 de Dezembro, Allan S. Konigsberg é de um humor "nonsense" acutilante, tendo tantos seguidores fiéis quanto aqueles que esboçam um esgar ao ouvir o seu nome "artístico": Woody Allen.

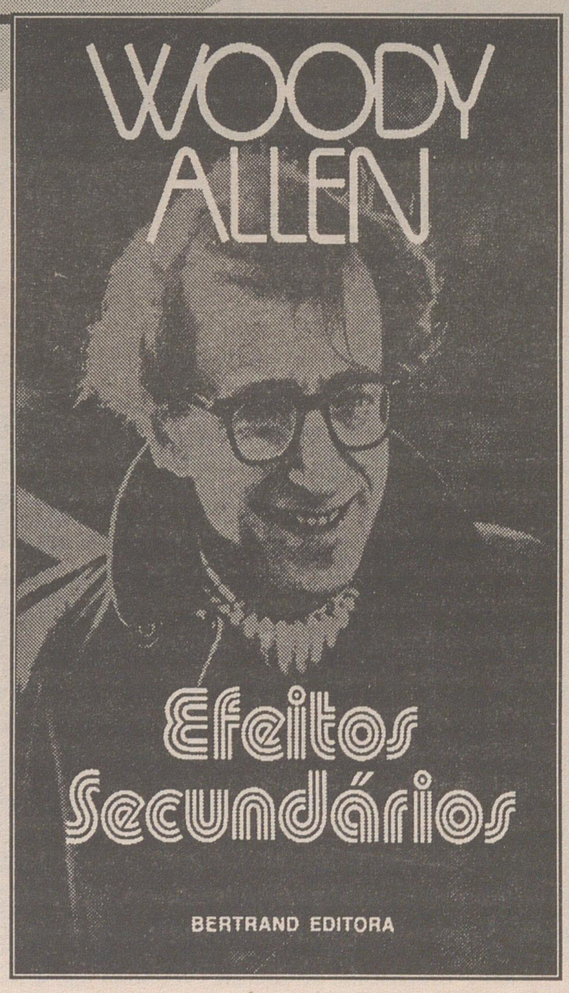
Em "Efeitos Secundários", assistimos a "contos–curtas–metragens" com personagens tão ilustres como A. Lincoln, Sócrates, Einstein ou M. Heidegger, sob a égide de problemas que, continuamente, nos inquietam: amor, sexo, ciência, política, religião, morte e...OVNIs.

A escrita, aparentemente leve, encerra alguma dificuldade para leitores mais distraídos, uma vez que é necessário uma pré–compreensão, como, aliás, em todas as leituras que fazemos, para que possamos perceber o humor de Allen e, consequentemente, rir, como se patenteia, por exemplo, em "A minha apologia", onde se recria a cena da morte de Sócrates, em que Allen assume a personagem do filósofo grego, no Fédon, de Platão.

Para alguns, tal será fruto de algum pedantismo do autor, defendendo–se que Allen fala de tudo, mas nada diz; para outros, só a alguém com conhecimento de causa lhe é permitido brincar (perdoe–me, o leitor, este verbo pueril) com aspectos da nossa cultura ocidental, sobretudo a dos EUA, e o modo geral de nos sentirmos: "penso muitas vezes na vida confortável que o homem primitivo deve ter tido, acreditando num poderoso e benevolente Criador que cuidava de todas as coisas. Imaginem a sua desilusão quando a mulher desatou a engordar. O homem contemporâneo, claro, não tem tal paz de espírito. Encontra–se a meio de uma crise de fé. É o que se chama (...) um 'alienado'. Assistiu às devastações da guerra, soube de catástrofes naturais, frequentou os bares de homens sozinhos. O meu bom amigo Jacques Monod fala muitas vezes da aleatoriedade do cosmo. Acredita que, na existência, tudo é fruto do acaso, com a excepção possível do seu pequeno–almoço, que tem a certeza de ter sido preparado pela governanta."

Entre estes pequenos e deliciosos textos, e para abrir mais um pouco o apetite ao leitor, independentemente de gostar, ou não, de doces, temos reflexões humorísticas sobre coisas tão sérias como sejam a infidelidade, o sentido da existência humana, a solidão ante a morte, o suicídio - "Não admira que haja quem se suicide! Por que não pôr fim a este absurdo? Porquê continuar a atravessar esta charada sem sentido a que chamamos vida? Porquê, senão porque algures dentro de nós um voz diz: 'Vive.'" -, as relações humanas e a polémica intelectual acerca do fettucine e outras pastas.

Numa época em que a depressão se instala e o Inverno, para os comuns dos mortais, não ajuda a recuperação da única coisa que não escapou da caixa de Pandora, pode salvar–nos aprender com Woody Allen que, perante a tragédia, o melhor mesmo é rir, ainda que seja o humor, ele mesmo, uma mescla de cansaço e lucidez.



AGENDA

Teatro

Teatro Académico de Gil Vicente

Dias 19 e 20 de Novembro
Barca do Inferno - ENTREtanto teatro e Teatro Acert

Dia 26 de Novembro
Farsa de Inês Pereira - Teatro A Barraca

Dia 27 de Novembro
O Pranto de Marai Parda - Teatro A Barraca

Dias 29 e 30 de Novembro
O Velho da Horta - Teatro A Barraca

Cine–Teatro S. Teotónio

De 22 de Novembro a 8 de Dezembro
Xmas qd Kiseres - O Teatrão (teatro para a infância de Coimbra)

Mosteiro de S. Jorge de Milréus

Até 28 de Dezembro (aos sábados)
Ligações Perigosas - Companhia de Teatro Fatias de Cá

Museu Nacional Machado de Castro (Criptopórtico)

Até 28 de Dezembro (aos sábados)
Astérix no Criptopórtico - Companhia de Teatro Fatias de Cá

Música

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 21 de Novembro
Carlos Barretto Trio e "Live"
Dia 22 de Novembro
Orquestra de Câmara de Coimbra
De 22 a 24 de Novembro
XII Festuna - Festival Internacional de Tunas de Coimbra

Le Son

Dia 20 de Novembro
The Suspects e Mata–Ratos

Dias 22 e 23
Festival "The Isolation Chamber" - Love Lies Eternal, Gondolin, Aemina, Icone, Secrecy e Phantom Vision

Dia 28
Bunny Ranch

Dia 29
The Mission e Wayne Hussey

Dia 30
Jonnhy (Cool Train), Nuno Forte (Pressure Force) e XRS Land

Pavilhão OAF - Solum

Dia 30 de Novembro
Concerto da banda Suede

Dança

Centro de Artes e Espectáculos

Dias 22 e 23 de Novembro
Ballet Gulbenkian
Dias 27 e 28 de Novembro
Les Ballet Trockadero de Monte Carlo

Exposições

Edifício Chiado
Até 8 de Dezembro
Playing Characters, de Isabel Favila

Galeria Almedina

Até dia 1 de Dezembro
"Traços da natureza" - exposição de ilustração científica de Fernando Correia e Nuno Farinha

Até 10 de Janeiro
"Sem Fronteiras" - exposição de fotografia de José Manuel Coutinho, Berenice Kauffmann e Andrés Irrazabal Banacore

Casa Municipal da Cultura

Até 23 de Novembro
Exposição de pintura de José Penicheiro - Galeria do Átrio e Galeria do Jardim

De 25 de Novembro a 1 de Dezembro
"Traços da natureza"- exposição de ilustração científica de Fernando Correia e Nuno Farinha

Círculo de Artes Plásticas - Centro de Arte Contemporânea

Até 23 de Novembro
Exposição de Miguel Palma

Até 30 de Novembro
Círculo F

Centro de Artes e Espectáculos

Até 31 de Dezembro
Um Mundo de Exposições, pelo Museu da Marinha

Sala da Cidade

Até 30 de Novembro
Variações em "I" - exposição promovida pelo instituto de investigação interdisciplinar da Universidade de Coimbra.

Livros

Casa Municipal da Cultura

Dia 19 de Novembro
Apresentação do romance "Lourenço Marques" de Francisco José Viegas

Dia 26 de Novembro
Apresentação do romance "No interior da tua ausência" de Baptista–Bastos

Cinema

Girassolum Coimbra

Dragão Vermelho
De: Brett Ratner
Sala 1: 14h30, 16h45, 19h00, 21h30

Basta
De: Michael Apted
Sala 2: 14h45, 17h00, 19h15, 21h45

Cinemas Millenium - Avenida

Sinais
De: M. Night Shyamadam
Sala 1: 13h20, 15h30, 17h40, 19h50, 22h00, 00h30

Spider
De: David Cronenberg
Sala 2: 14h00, 16h30, 19h00, 21h30, 00h00

Dragão Vermelho
De: Brett Ratner
Cine–Teatro: 14h15, 16h45, 19h15, 21h45, 00h15



Farmácias de serviço

SP: Serviço Permanente - 9.00h às 9.00h SR: Serviço de Reforço - 9.00h às 22.00h

Dia 19 - Terça–feira
Gaspar - SP
Central - SP
Sitália - SR
Dia 20 - Quarta–feira
Rainha Santa - SP
Silva Soares - SP
Silcar - SR
Dia 21 - Quinta–feira
Figueiredo - SP
Celas - SP
Lopes Rodrigues - SR
Dia 22 - Sexta–feira
Duarte - SP
Rodrigues Silva - SP
S. José - SR
Dia 23 - Sábado
M. Nazaré - SP
Universal - SP
Estádio - SR
Dia 24 - Domingo
Cruz Viegas - SP
Paiva - SP
Baptista - SR
Dia 25 - Segunda–feira
Oliveira Ramos - SP
S. Sebastião - SP
Nazareth - SR
Dia 26 - Terça–feira
Olivais - SP
S. Marinho - SP
Stª. Cruz - SR
Dia 27 - Quarta–feira
Vilaça - SP
Cruz e Costa - SP
Isabel Folhas - SR
Dia 28 - Quinta–feira
Adriana - SP
Barros - SP
Donato - SR
Dia 29 - Sexta–feira
Luciano e Matos - SP
Machado - SP
Mª. do Céu Albuquerque - SR
Dia 30 - Sábado
Santa Isabel - SP
Rocha - SP
Miranda - SR
Dia 1 - Domingo
Sitália - SP
Central - SP
Gaspar - SR
Dia 2 - Segunda–feira
Rainha Santa - SP
Silcar - SP
Silva Soares - SR

O Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA não se responsabiliza por eventuais alterações.

Contactos importantes

Associação Académica de Coimbra - 239 410 400/30
Bombeiros Sapadores de Coimbra - 239 792 800
Bombeiros Voluntários de Coimbra - 239 822 323
Gabinete de Apoio ao Estudante - 239 410 434
Governo Civil - 239 852 800
Guarda Nacional Republicana - 239 482 085
Hospital dos Covões - 239 800 100
Hospital Pediátrico de Coimbra - 239 480 300
Hospital Sobral Cid - 239 796 400
Hospitais da Universidade de Coimbra - 239 400 400
Polícia de Segurança Pública 239 822 022
Polícia Judiciária 239 828 134
Protecção Civil - 239 481 260
Rádio Universidade de Coimbra - 239 410 419
Região de Turismo do Centro - 239 855 930
SOS Número Nacional de Socorro - 112
SOS Estudante - 239 410 446
Teatro Académico Gil Vicente - 239 855 630

"Morrer outro dia"

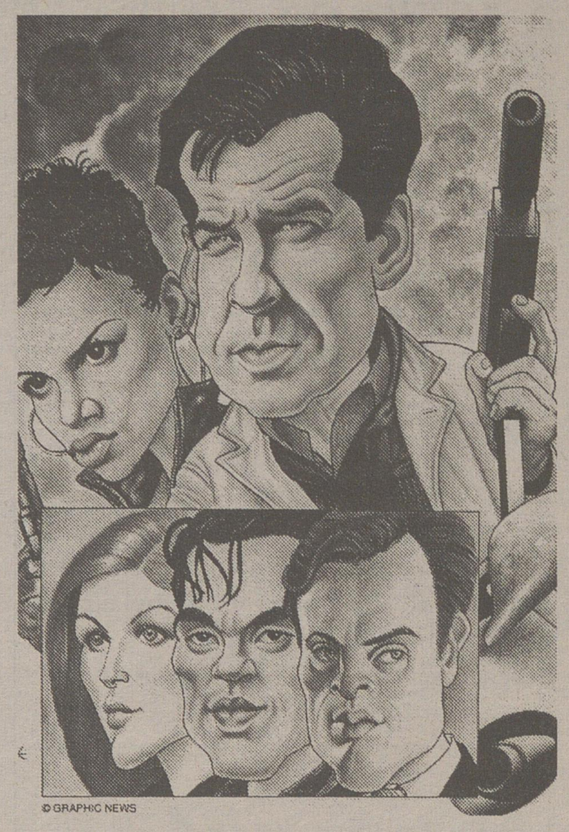
"Die Another Day" é o próximo filme do agente secreto James Bond. Em jeito de homenagem ao passado, a estreia oficial da sua vigésima missão ao serviço de Sua Majestade está programada para o quadragésimo aniversário do primeiro filme.

Aliás, esta nova missão tem algumas referências ao passado. Uma delas é a cena em que Halle Berry, uma das "Bond Girls" deste filme, emerge das águas do mar trajando um biquini, num notório tributo a Ursula Andress, a sueca que ficou célebre por um plano idêntico no primeiro filme da saga Bond: "Dr No". Ainda neste novo James Bond está também reservado um pequeno papel para Deborah Moore, filha de Roger Moore, um dos actores que encarnou a pele do agente secreto britânico. Se os rumores se confirmarem, os fãs do género podem ainda contar com a participação do primeiro Bond, Sir Sean Connery.

Com este "Die Another Day", rodado principalmente na península coreana, os criadores da personagem pretendem reformular a imagem de Bond, transformando-o num produto "a longo prazo", mais ligado ao futuro. A prová–lo, a equipa produtora confia que a união entre a multiplicação do número de efeitos especiais gerados por computador (um aumento de cerca de vinte vezes em relação ao último filme) e a aparência de um Bond mais vulnerável e menos moralizante eleve o género a outro nível e atraia a próxima geração de fãs.

Neste filme encontraremos, entre outros, o inevitável Pierce Brosnan, Halle Berry, uma das "Bond Girls", e... Madonna, que desempenha um curto papel como professora de esgrima, na sua primeira aparição num filme Bond. No entanto, esta não é a primeira vez que a famosa cantora entra no grande ecrã - Madonna conta já no seu currículo com filmes como "Desesperadamente em busca de Susana", "Evita" ou ainda "Dick Tracy".

"Die Another Day" estreia em Portugal no próximo dia 10 de Janeiro e promete ser mais um campeão de bilheteiras.


© GRAPHIC NEWS

A coelhinha lusitana

Carla Matadinho, 19 anos, é a nova "coelhinha" nacional. Miss Playboy TV Portugal 2002, bateu Daniele Vasques, 25 anos, na final que decorreu na noite de 8 de Novembro na discoteca Kremlin, em Lisboa. Carla venceu Daniele graças à sua boca sensual e ao seu ar de menina maliciosa.

É a primeira vez que Portugal recebe este concurso, a etapa inicial para as meninas chegarem à final internacional Miss Playboy TV Latin America e Iberia, a decorrer no México, já no início do próximo ano. A noite contou com presenças tão ilustres como Débora Stroglio, playmate brasileira, ou Patrícia Duarte, Miss Playboy TV Brasil 2001.

As duas concorrentes foram eleitas de entre uma lista de candidatas no portal Sapo, através de uma votação por SMS. Manequim profissional, Carla já foi escolhida no início do ano para desfilar os fatos de noiva de Paulo Azenha, o estilista dos biquínis usados na noite do concurso. E confessa que"iria para o SIC Nuticias desde que pagassem bem".

"Foi uma sorte Portugal lançar o programa", afirma Daniele, a finalista derrotada, cujo empenho em participar era tal que já tinha pensado concorrer em Nova Iorque ou Barcelona.

D.R.



Grande Victoria

Lembra–se do videoclip daquela música de Paul McCartney com os sapinhos a cantar e a pular de nenúfar em nenúfar? Não lhe vinha ao espírito uma vontade de flutuar também sobre as águas, um pé numa folha, outro noutra? No Jardim Botânico de Coimbra, o mais velho de quantos existem no país, quase se torna possível saciar essa vontade, por obra e graça de uma impressionante Victoria Cruziana.

A Victoria Cruziana - assim baptizada em homenagem à rainha inglesa - é nada mais, nada menos que o maior nenúfar do mundo. As suas folhas podem atingir os dois metros de diâmetro e - espante–se! - suportar um peso de cerca de vinte quilos.

A "jóia da coroa" do Botânico (que viu concebida uma estufa expressamente para a sua exibição) tem uma resistência tal que ainda hoje se diz que, no seu ambiente natural - a Amazónia equatorial -, as mães índias se serviam dela como berço: colocavam os seus bebés nas folhas e esperavam que as águas fizessem o resto.

Sites portugueses são lentos

As páginas lusas de internet são muito lentas. É esta a conclusão de um estudo divulgado recentemente, em Lisboa.

O mesmo estudo menciona quais os dois principais problemas dos sites portugueses: a perda de atributos, em 53,9 por cento das páginas, e a lentidão, que afecta 17,5 por cento. Na lista de maiores complicações no acesso aos sites portugueses seguem–se a sua não renovação (9,7 por cento) e a ruptura de links internos (7,6 por cento).

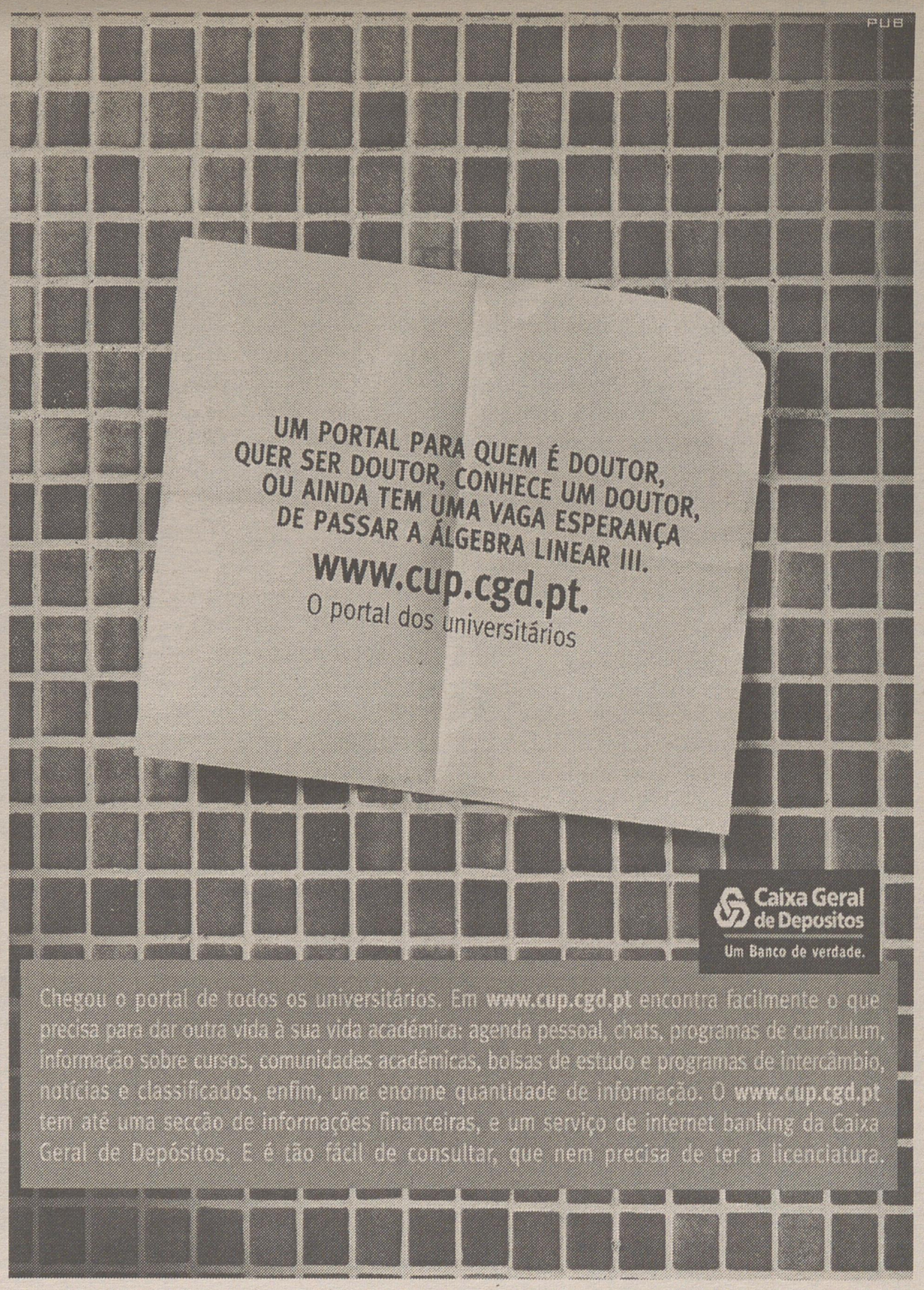
O estudo, realizado pela Compuware, que desde 2000 se dedica a analisar a qualidade dos sites de internet portugueses, refere ainda que os sites do sector das telecomunicações são os piores. Cerca de 90,3 por cento das páginas deste sector são demasiadamente lentas.

Por seu lado, os sectores da banca online e da administração pública são os menos maus, com a sua lentidão a rondar os 50 por cento.

E tudo o senhorio decidiu

A habitação em Coimbra continua a dar que falar. A CABRA teve acesso ao "regulamento interior", proposto por um senhorio à posteriori e que inclui algumas regras um tanto ou quanto caricatas.

Assim, num ponto define que "é proibido qualquer manifestação, reunião, organizações, agitação, festas dentro do próprio local e exteriores da habitação sem o consentimento do senhorio". Já mais à frente, é possível ler-se que "não será aceitado qualquer pessoa estranha que for encontrada nas instalações a utilizar os quartos sem o consentimento e autorização do senhorio, sujeitos(a,s) a serem expostas na rua sem explicação." E, de seguida, abrem–se as excepções: "Excepcionalmente são aceitados familiares, namorados (as), colegas de escola com acordo de todas as pessoas que utilizem o apartamento e com a autorização do senhorio contra pagamento de 25 euros cada noite." Um caso insólito, no mínimo...



A ESTRADA CURVA
JORGE VAZ NANDE

Balada das pessoas sós

Digamos que ela é a cara de pele branca que passou no meio de uma manifestação em Lisboa ou a que ele mais viu no meio da fúria. Digamos também que ele é o homem que vagueia pela cidade a coleccionar as almas que lhe chamam mais a atenção. Digamos que, com o tempo, eles inventaram um espaço comum de silêncio e que sorriem um para o outro como se se encontrassem à meia–noite numa ponte entre dois países. Um dia, numas escadas, ela descia e ele subia e ainda não foi essa a primeira vez que a mão dele pousou na dela, mas ele pensou nisso, e ela pensou nisso, e eles afastaram–se a pensar nisso e à espera que isso se aproximasse deles. Ou seja

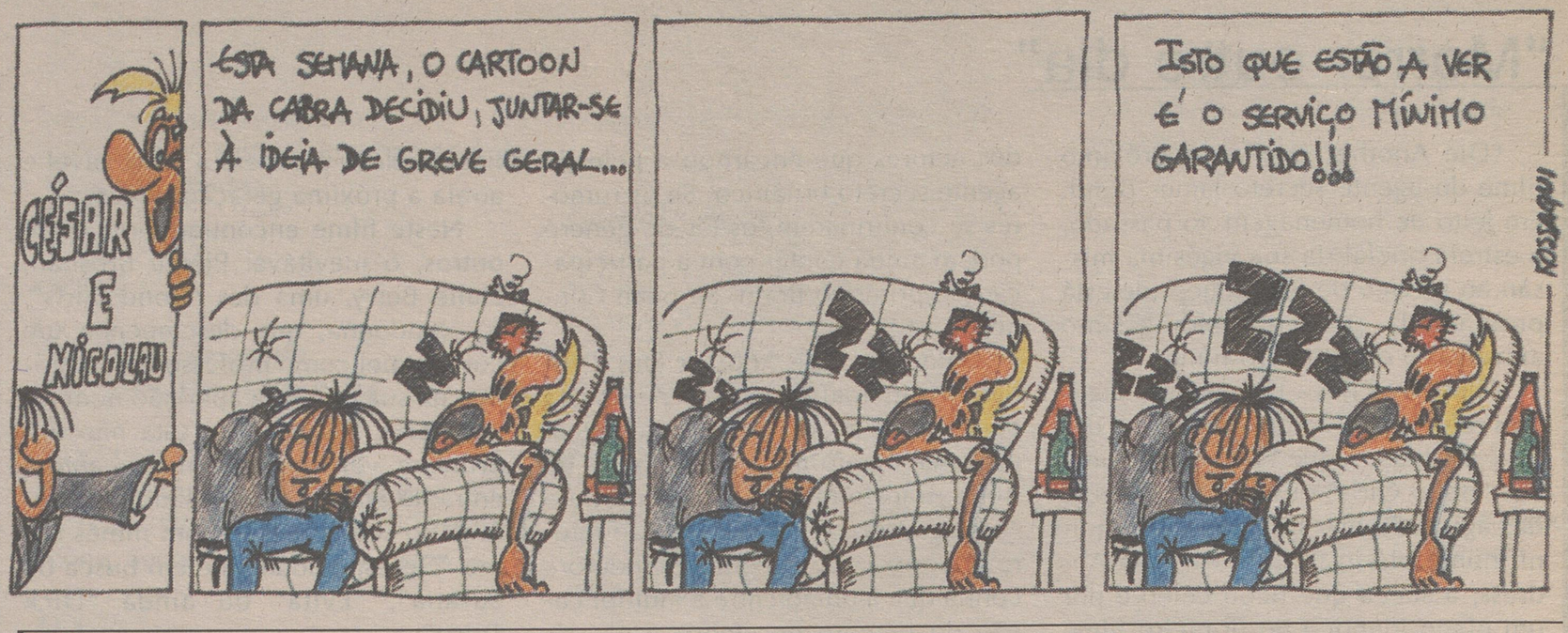
ele é o homem corpulento e de cabeça rapada que dorme com uma mão no sonho e outra num revólver e ela é a mulher sentada no sofá sujo da sala a pensar como, na meninice, a coisa que mais queria era ser bonita como a mãe, que usava um baton muito escuro ao domingo e se passeava pelo adro da igreja com ela pela mão ou

ele é o rapaz cego que se embebedou numa noite e que, perdido no tempo eterno da sua escuridão, se repetia três vezes em cada S do seu andar para não se desencontrar de si mesmo e ela era a hospedeira que iluminava uma paragem de autocarro e que o olhava e que sorria enquanto o olhava porque não sabia fazer mais nada e porque era para isso que lhe tinham pago ou

ele é o estrangeiro a beber um café quente no intervalo de uma estrada longa que desconhece e ela é a mulher loira vestida com uma gabardina verde–triste na cidade chuvosa e que estranha a ausência do homem que, no cinema no centro comercial em que ela é secretária, se costumava sentar à sua frente nas matinés de quinta–feira ou

ela é a rapariga de camisola branca, sentada num banco de jardim a olhar para o mondego, silenciosa por baixo das árvores e das folhas que caem, e ele é uma espécie de caçador de borboletas frustrado que não gosta do outono, e ele passa à frente dela e repara como está tranquila, continua a andar e, mais à frente, volta a olhar para confirmar o que lhe deu para imaginar naqueles breves segundos, mas ela já lá não estava ou já não era exactamente a mesma e ele só continuou o seu caminho porque não tinha outra alternativa e

ele gostaria de lhe oferecer coisas como uma canção do José Mário Branco, verdades e cartas que dessem para aquecer mãos, fim do mês é dia trinta e a sexta é depois da quinta, pensa ele, o tempo passa e ele chega à capital da sua solidão porque, de tanto que andou, ficou demasiado longe de tudo.



TAGV prepara–se para mais um FESTUNA


D.R.

Tunas e tradições voltam a encantar Coimbra

Entre 22 e 24 de Novembro decorre, pela décima segunda vez, o Festival Internacional de Tunas de Coimbra. O evento promete um ambiente de diversão e muita euforia.

MARTA VARANDAS

A cidade de Coimbra vai poder assistir este mês ao XII FESTUNA, a ter lugar no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), nos dias 22, 23 e 24 de Novembro. O festival será realizado pela Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra (AAC), por intermédio da Estudantina Universitária de Coimbra, grupo fundador do evento.

Este ano, oito tunas vão pisar o palco do TAGV, na noite de 23, prometendo cantar e encantar a plateia durante, aproximadamente, quatro horas e meia. O toque de início de espectáculo está marcado para as 21h30. Na primeira parte, são cinco as tunas a actuar, destacando–se a Tuna Universitária de Aveiro e a Tuna Universitária de Salamanca. Depois de um breve intervalo, actuam mais três tunas, onde está incluída a Estudantina Universitária de Coimbra, última a actuar e que não toma parte no concurso. O custo dos bilhetes será de três euros para estudantes e de seis euros para não estudantes.

O festival deste ano está a cargo de Paula Neto, presidente da Secção de Fado da AAC, tendo também a Estudantina Universitária o seu grupo de trabalho, composto por João Cunha, comissário central, e dois colaboradores, Luís Castro e Carlos Figueiredo. Segundo o comissário central, espera–se que venha "muita gente". "Ao contrário do que se passa noutros festivais de outras cidades, em Coimbra o FESTUNA é um evento a que as pessoas já estão habituadas de ano para ano", salienta João Cunha, acrescentando que "o ano passado não havia mais lugares" na assistência.

O FESTUNA surgiu em 1990, quando a Estudantina decidiu institucionalizar o Encontro Internacional de Tunas, que fazia parte do programa cultural da Queima das Fitas e que veio a dar lugar ao actual Festival Internacional de Tunas de Coimbra - FESTUNA. Deste então, este festival tem trazido à cidade um pouco daquilo que é o espírito típico de uma vivência em tuna.

Tomada da Bastilha comemora aniversário

Dia 25 de Novembro celebra–se mais um aniversário do célebre episódio da "Tomada da Bastilha" pelos estudantes da Universidade de Coimbra, ocorrido há 82 anos.

Em 1920, a sede da Associação Académica de Coimbra, resumia–se ao rés–do–chão do Colégio de São Paulo, espaço exíguo para a vontade de crescer dos estudantes e para albergar todas as actividades académicas. Por seu lado, no primeiro andar, em condições substancialmente melhores que as necessárias, funcionva o Clube dos Lentes.

Na madrugada de 24 para 25 de Novembro de 1920, indignados com a disparidade de condições, os estudantes ocupam o resto do edifício. A madrugada de 25 trouxe festa rija às ruas da Lusa Atenas.

Este ano, a data é mais uma vez assinalada pelo Cortejo dos Archotes, que se inicia à meia–noite, e coincide com a cobertura da Torre da Universidade com faixas negras, em protesto contra os cortes orçamentais, como deliberado em Assembleia Magna.

